



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS HEROIS DO JENIPAPO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**



LOUIS LENNE SOUSA LIMA

**CRIANÇAS, AXÉ E EDUCAÇÃO: AS TRADIÇÕES ORAIS COMO ELO DE
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL INFANTIL**

CAMPO MAIOR-PI

2024

LOUIS LENNE SOUSA LIMA

**CRIANÇAS, AXÉ E EDUCAÇÃO: AS TRADIÇÕES ORAIS COMO ELO DE
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
banca examinadora como requisito parcial
obrigatório para a obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinicio de
Santana Pereira

CAMPO MAIOR-PI

2024

LOUIS LENNE SOUSA LIMA

**CRIANÇAS, AXÉ E EDUCAÇÃO: AS TRADIÇÕES ORAIS COMO ELO DE
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
banca examinadora como requisito parcial
obrigatório para a obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinicio de
Santana Pereira

Monografia aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

(Orientador)

(Examinadora 1)

(Examinadora 2)

L732c Lima, Louis Lenne Sousa.

Crianças, axé e educação: as tradições orais como elo de construção da identidade cultural infantil / Louis Lenne Sousa Lima. - 2024.
70 f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI,
Licenciatura em Pedagogia, Campus Heróis do Jenipapo, Campo Maior-
PI, 2024.

"Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinicio de Santana Pereira".

1. Umbanda. 2. Tradições orais. 3. Identidade cultural. I.
Pereira, Marcos Vinicio de Santana . II. Título.

CDD 371.1

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecário) CRB-3º/1188

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho com profunda reverência aos povos ancestrais , cujas culturas ricas e conhecimentos milenares continuam a inspirar e enriquecer o mundo até os dias de hoje. Suas histórias de resistência, sabedoria ancestral e contribuições extraordinárias merecem ser celebradas e preservadas. Que este trabalho sirva como uma pequena homenagem à sua grandeza e como um tributo à sua eterna influência na construção de um futuro mais justo e inclusivo.

AGRADECIMENTOS

Nunca fui boa com palavras, especialmente quando se trata de expressar sentimentos profundos. Mas hoje, mais do que nunca, sinto a necessidade e a gratidão de reconhecer cada pessoa e força que me trouxeram até este momento significativo da minha vida.

Primeiramente, agradeço aos orixás por sua presença e orientação ao longo desta jornada. Meu Pai Oxalá, obrigada por iluminar meu caminho com sua sabedoria eterna. À minha Mãe Iansã, por ensinar-me a resistir como os ventos que moldam montanhas. A Exu, por abrir os caminhos e mostrar-me que todos os desafios podem ser superados. Oxum, por acalmar meu coração nos dias de tempestade. Xangô, por revelar-me a justiça verdadeira que nunca falha. A Nanã Buruquê, por conectar-me à força ancestral que sustenta minha identidade. A Omolu, por curar minhas dores e fortalecer meu espírito nas horas difíceis. E a Oxóssi e Ogum, por seus ensinamentos que fortaleceram meu caráter e determinação.

Meus sinceros agradecimentos aos professores que foram luzes orientadoras ao longo desta jornada acadêmica. Professor Marco Vinício, sua orientação não foi apenas acadêmica, mas também um farol de inspiração que iluminou meu caminho. Suas palavras de sabedoria e seu apoio constante foram fundamentais para minha descoberta pessoal e crescimento intelectual. Professora Rebeca, sua crença na minha pesquisa desde o primeiro dia significou mais do que palavras podem expressar. Seu encorajamento e apoio me deram a confiança necessária para perseguir meus objetivos com determinação e paixão.

A vocês, professores, sou grata não apenas ao conhecimento adquirido, mas também a capacidade de ver além das páginas dos livros e abraçar desafios com coragem. Cada lição aprendida em suas salas de aula foi um passo em direção ao meu futuro, moldando meu pensamento crítico e preparando-me para os desafios que ainda virão.

À minha amada família, cada passo que dei até este momento foi moldado por vocês, pelas memórias compartilhadas e pelo amor incondicional que sempre me cercou. Cada lembrança da minha infância é um tesouro precioso que moldou minhas raízes e definiu minha identidade.

Papai, obrigado por ser meu exemplo de sabedoria e integridade. Sua orientação e apoio foram a base sólida que sustentou meus sonhos e aspirações. Mamãe, sua força e ternura são um farol que ilumina meu caminho nos momentos mais sombrios. Seu amor incondicional é a âncora que me mantém firme quando tudo parece incerto.

À minha família, este agradecimento não é apenas por estar presente em momentos especiais, mas por ser a base que me fortaleceu em tempos difíceis. Seu amor e apoio inabaláveis são o motivo pelo qual eu posso seguir em frente com confiança e determinação.

Letícia Maria nossa parceria na Uespi foi um presente valioso. Cada momento compartilhado foi enriquecido pela presença calorosa de vocês e pelo apoio mútuo que nos fortaleceu. Em meio aos desafios acadêmicos, a amizade de vocês foi um bálsamo, e suas palavras de incentivo foram como luzes que iluminaram os momentos mais difíceis desta jornada. Guardarei com imenso carinho todas as experiências compartilhadas, pois vocês foram não apenas colegas, mas partes essenciais do meu crescimento pessoal e acadêmico.

Neste momento, as lágrimas escorrem dos meus olhos, Louis Lenne. Quero te dizer, com todo o coração, que conseguimos. Aquela garota de vinte anos atrás, cheia de sonhos e incertezas, agora está aqui, olhando para trás e vendo cada passo que nos trouxe até este momento.

Cada desafio que enfrentamos, cada obstáculo que superamos, foi uma prova de nossa determinação e força. Lembra dos dias em que duvidamos se chegariamos até aqui? Hoje posso te assegurar que não só chegamos, mas também encontramos um propósito profundo em tudo o que fazemos.

Os sonhos que você um dia imaginou não estão adormecidos, mas estão se transformando em conquistas reais. Descobrimos nossa paixão pelos estudos, algo que sempre esteve latente em nós. Foi na nossa fé, no berço de nossa religião, que encontramos a inspiração para ir além desta graduação.

Cada pessoa que cruzou nosso caminho, cada apoio recebido, contribuiu para nossa jornada. Sinto uma gratidão imensa por todos que estiveram ao nosso lado, fortalecendo-nos nos momentos difíceis e celebrando conosco nas vitórias.

Louis Lenne, querida menina de seis anos atrás, isso é para você. Cada passo que dei foi guiado pelo desejo de te fazer orgulhosa. Sempre foi por você. Agora é a hora de alçar voos ainda mais altos, porque o futuro que tanto sonhamos está à nossa espera.

RESUMO

A educação, entendida aqui de forma ampla e humanizada, é vista como um fenômeno social que transcende a transmissão de conhecimentos, incluindo valores morais e éticos. Nos terreiros de umbanda, a tradição oral, marcada por heranças africanas, é fundamental na transmissão de conhecimentos, memórias e na formação da identidade cultural. Embora pouco reconhecida como prática educativa, a oralidade desempenha um papel significativo na constituição dos sujeitos. Este trabalho tem como objetivo compreender as tradições orais em terreiros de umbanda e seu papel na construção da identidade cultural da criança. Partindo de experiências pessoais e relações estabelecidas nesse contexto religioso, a pesquisa visa investigar como ocorrem os processos da tradição oral, o papel das crianças na produção dos saberes étnicos e o impacto da oralidade na identidade cultural infantil. A pesquisa adota uma abordagem bibliográfica para investigar o tema, destacando a importância de ampliar os estudos sobre as práticas educativas nos terreiros de umbanda em um contexto de intolerância religiosa. Conclui-se que este estudo contribui para uma compreensão mais profunda desses processos educativos, promovendo uma reflexão sobre a identidade cultural e incentivando o reconhecimento das heranças africanas na sociedade.

Palavras-chave: Tradição oral, Umbanda, Identidade cultural, Educação, Crianças.

ABSTRACT

Education, understood here in a broad and humanized sense, is seen as a social phenomenon that transcends the transmission of knowledge, encompassing moral and ethical values. In Umbanda temples, oral tradition, marked by African heritage, is fundamental in transmitting knowledge, memories, and shaping cultural identity. Despite being little recognized as an educational practice, orality plays a significant role in shaping individuals. This study aims to understand oral traditions in Umbanda temples and their role in constructing children's cultural identity. Drawing from personal experiences and relationships established in this religious context, the research investigates how oral traditions unfold, the role of children in producing ethnic knowledge, and the impact of orality on children's cultural identity. The study employs a bibliographic approach to explore the topic, emphasizing the importance of expanding studies on educational practices in Umbanda temples within a context of religious intolerance. It concludes that this research contributes to a deeper understanding of these educational processes, fostering reflection on cultural identity and promoting recognition of African heritage in society.

Keywords: Oral tradition, Umbanda, Cultural identity, Education, Children.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 -Oxum	13
Figura 2 -Xangô	19
Figura 3 -Nanã Buruquê	31
Figura 4 -Oxalá	42
Figura 5 -Iansã	47
Figura 6 -Iemanjá	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 TERREIROS DE UMBANDA: ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO E TRADIÇÃO HISTÓRICA	20
2.1 Construção Histórica da Umbanda no Brasil: Sincretismo, Hibridismo e Resistência Cultural	20
2.2 Educação e Oralidade nos Terreiros de Umbanda: Tradição e Aprendizagem	25
3 CRIANÇA, INFÂNCIA E TERREIRO: CONSTRUINDO RESISTÊNCIAS ATRAVÉS DAS LENTES INFANTIS	33
3.1 Crianças como Protagonistas: Etnosaberes nos Terreiros de Umbanda	33
3.2 Tradições Orais na Umbanda: Construção da Identidade Cultural Infantil	37
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS: IDENTIDADE E TRADIÇÕES ORAIS COMO FONTES DE SABEDORIA	43
4.1 Tipo de pesquisa quanto a abordagem	43
4.2 Tipo de pesquisa quanto aos objetivos	44
4.3 Tipo de estudo	44
4.4 Coleta de dados	45
4.5 Análise de dados	46
4.6 Cuidados éticos	46
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES: TRILHANDO CAMINHOS ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS E IDENTIDADE CULTURAL	49
5.1 Análise das Tradições Orais na Umbanda: Educação e Transmissão de Saberes	49
5.2 O Papel das Crianças na Produção dos Etnosaberes nos Terreiros de Umbanda: Uma Análise	53
5.3 Narrativas que Constroem Identidades: O Papel da Oralidade na Identidade Cultural Infantil dos Terreiros de Umbanda	57
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	26



INTRODUÇÃO



Oxum



1 INTRODUÇÃO

A Umbanda, religião brasileira de profunda matriz africana, é um universo espiritual onde as tradições orais desempenham um papel fundamental. Nos terreiros umbandistas, a oralidade não apenas sobrevive, mas floresce como um meio sagrado de transmissão de conhecimentos ancestrais, valores morais e histórias que conectam os praticantes com suas raízes culturais. Por meio de narrativas, cânticos, rituais e mitos compartilhados de geração em geração, as tradições orais na Umbanda não apenas preservam a memória coletiva dos povos africanos, mas também fortalecem a identidade cultural dos adeptos.

Segundo Marcuschi (2001, p. 21), a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai desde uma realização mais informal até uma mais formal nos vários contextos de uso. O autor destaca que a oralidade pode variar de contextos informais a formais, refletindo uma complexidade que vai além da comunicação direta. Nesse sentido, as tradições orais na Umbanda não apenas perpetuam histórias e conhecimentos ancestrais, mas também oferecem um meio dinâmico de construção identitária entre os praticantes.

É através das histórias contadas, dos cânticos entoados e dos rituais compartilhados que as tradições orais ganham vida, permeando profundamente a experiência dos praticantes e, especialmente, das crianças que crescem nesse ambiente. Desde cedo, as crianças nos terreiros de Umbanda são imersas em um ambiente educativo único, onde a oralidade não é apenas um meio de comunicação, mas um veículo sagrado de preservação cultural.

Elas aprendem não apenas sobre os ritos e crenças da religião, mas também sobre a história dos antepassados, mitos fundadores e os princípios éticos que regem suas comunidades. A oralidade, nesse contexto, não se limita a transmitir informações; ela molda identidades, fortalece laços comunitários e oferece um caminho para que as crianças entendam e valorizem suas próprias raízes culturais.

Este estudo visa explorar profundamente como as tradições orais operam nos terreiros de Umbanda, examinando de que maneira essas práticas educativas moldam a identidade cultural infantil. Ao mergulhar nesse universo rico e multifacetado, pretendemos não apenas desvelar os processos de transmissão oral de saberes, mas

também destacar a importância dessas tradições na formação de uma identidade sólida e resiliente desde a infância.

A pesquisa tem como objetivo geral compreender como as tradições orais se manifestam nos terreiros de umbanda e como atuam na formação da identidade cultural das crianças. Para alcançar esse propósito, os objetivos específicos incluem explorar como ocorrem os processos de transmissão da tradição oral nesses espaços religiosos, investigar o papel das crianças na produção dos etnosaberes, e analisar o papel da oralidade na construção da identidade cultural infantil.

Antes de buscar entender as inquietações deste trabalho, é necessário pensar o que de fato significa a educação. A educação enquanto fenômeno social não deve estar ligada apenas à perspectiva formal, ou seja, ela não deve se respaldar somente no significado de englobar a educação em uma atividade direcionada para a transmissão de conhecimentos ou desenvolvimento de habilidades, mas sim em uma educação com um viés de mão dupla. Uma prática que venha a fomentar uma formação mais humanizada, embasada nos valores morais e éticos, um ato de experiências e conhecimentos compartilhados em ambientes educativos formais e informais.

Segundo o educador Libâneo (2010), em seu livro “*Pedagogia e pedagogos, para quê?*”, a educação é um conjunto de ações, processos, influências, estruturas e vivências cotidianas, que vêm a intervir no desenvolvimento humano dos indivíduos e grupos em sua relação ativa com o meio social e natural, em um determinado contexto de relações sociais entre grupos e classes de um determinado meio. É um fenômeno plurifacetado, ou seja, ocorre em muitos lugares, podendo ser institucionalizados ou não (Libâneo, 2010). Diante desse conceito, podemos compreender que a educação prepara o indivíduo para a vida, uma formação humanizada seguindo os valores culturais de um determinado contexto social.

Assim, podemos compreender que os terreiros de umbanda são espaços cobertos por processos educativos e tais processos são reflexos dos valores culturais herdados das matrizes africanas que perpetuam no espaço sagrado através da oralidade. É uma educação baseada nas raízes ancestrais que é condicionada pela forma organizacional do lugar.

Nos terreiros de umbanda, a tradição oral é marcante nas heranças africanas, uma vez que seu conhecimento foi passado através dela. Através desse processo,

propaga-se o conhecimento do passado, a sabedoria dos ancestrais e os elementos responsáveis pela formação da identidade cultural dos sujeitos presentes nesse espaço. Entretanto, ela é muito mais que um ato comunicativo estabelecido entre os atores sociais de um determinado contexto. Trata-se de uma cultura imaterial responsável por preservar memórias, tradições, formação humana e identitária dos sujeitos.

Embora existam estudos voltados para as tradições orais, muitos estudiosos ainda não permitem o reconhecimento da oralidade como processo educativo responsável pela formação humana dos sujeitos, como Silva (2017) em sua tese *“Educação, Resistências e Tradição Oral: a transmissão de saberes pela oralidade de matriz africana nas culturas populares, povos e comunidades tradicionais”*.

“A oralidade, tanto nas culturas populares quanto em povos e comunidades tradicionais, tem sido estudada por diversas ciências como a antropologia, a história e a literatura. Entretanto, os estudos e pesquisas realizados pela área da Educação ainda não permitem conhecer e compreender a oralidade como processo educativo para o constituir-se humano” (Silva, 2017, p. 14).

Assim, estes escritos procuram mostrar que as tradições orais são um processo educativo vinculado à constituição de um sujeito enquanto ser humano. É nesse sentido que este trabalho apresenta a questão-problema partindo do ponto de vista que propõe mostrar: Como ocorrem as tradições orais em um terreiro de umbanda e como atuam na construção da identidade cultural da criança?

Em busca de responder aos objetivos e à questão-problema apresentados, a pesquisa trouxe como questões norteadoras: Como ocorrem as tradição oral em terreiros de umbanda? Qual é o papel das crianças de terreiro na produção dos etnosaberes? Qual é o papel da oralidade na construção da identidade cultural infantil?

Na perspectiva metodológica, foi adotada uma abordagem bibliográfica, pois ela fornece ferramentas para a análise e as respostas necessárias para resolver a questão-problema desta pesquisa, assim como também adquirir novos conhecimentos voltados para o assunto pesquisado. Segundo Gil (2002) em seu livro *Como elaborar projetos de pesquisa*, a pesquisa bibliográfica permite ao investigador abranger uma gama ampla de fenômenos, superando limitações geográficas e temporais ao acessar informações dispersas e históricas:

[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa

vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem à sua disposição uma bibliografia adequada, não tem maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos." (Gil, 2002, p. 3).

Esta pesquisa adota uma abordagem bibliográfica para explorar como as tradições orais se manifestam nos terreiros de Umbanda e seu papel na construção da identidade cultural infantil. A metodologia baseia-se na revisão e análise crítica da literatura disponível sobre o tema, buscando compreender as diferentes perspectivas teóricas e empíricas que abordam a oralidade na religião Umbanda. A escolha por uma abordagem bibliográfica permite uma investigação aprofundada das tradições orais como práticas educativas e sua influência no desenvolvimento cultural das crianças nos contextos religiosos estudados.

Na presente pesquisa, adotou-se uma abordagem qualitativa, apropriada para explorar as tradições orais, as crianças de terreiro e a identidade cultural na Umbanda. Segundo Gil (2002) e Marconi e Lakatos (2003), essa abordagem permite uma interação dinâmica com o objeto de estudo, facilitando uma compreensão detalhada dos fenômenos sociais observados. Optou-se por uma pesquisa exploratória para garantir proximidade com o problema, formular hipóteses e desenvolver novos insights sobre o tema.

Quanto ao tipo de estudo, escolheu-se um estudo bibliográfico, fundamental para a revisão teórica e análise interpretativa das tradições orais e identidade cultural das crianças de terreiro. A coleta de dados será realizada por meio de artigos científicos, teses e dissertações, enquanto a análise será qualitativa, focada na interpretação dos conteúdos encontrados na literatura revisada, visando compreender profundamente o objeto de estudo.

Na sociedade contemporânea, marcada por desafios de intolerância e preconceito religioso, os estudos sobre as práticas educativas nos terreiros de umbanda são frequentemente pouco divulgados, resultando em uma escassez de discussões acadêmicas aprofundadas sobre as tradições orais e seu impacto na formação da identidade cultural infantil. Esta pesquisa se justifica pela necessidade urgente de explorar e documentar as tradições orais dentro dos terreiros de umbanda, visando

compreender como essas práticas educativas contribuem para a preservação cultural e transmissão de conhecimentos ancestrais.

Existe uma lacuna significativa na literatura acadêmica que aborda detalhadamente as dinâmicas educativas nos terreiros de umbanda, especialmente no que tange à oralidade como meio de formação identitária entre as crianças. Ao investigar profundamente esse fenômeno, busca-se não apenas ampliar o conhecimento científico sobre as práticas educativas afro-brasileiras, mas também promover o reconhecimento e a valorização das diversidades culturais presentes na sociedade brasileira.

Além de contribuir para o entendimento acadêmico, esta pesquisa visa sensibilizar para a importância das tradições orais na umbanda como elementos fundamentais na construção de identidades culturais sólidas e resilientes desde a infância. Ao destacar o papel educativo dessas práticas dentro dos terreiros, espera-se estimular uma reflexão crítica sobre as formas de educação não convencionais e promover uma visão mais respeitosa das manifestações culturais e religiosas no contexto educacional contemporâneo.

Assim, este estudo não apenas preenche uma lacuna de pesquisa, mas também aspira a promover uma maior compreensão e valorização das práticas educativas nas comunidades de terreiro, contribuindo para um diálogo mais aberto sobre a diversidade cultural no Brasil.

Este trabalho apresenta relevância significativa tanto no âmbito acadêmico quanto social. Academicamente, busca-se aprofundar a compreensão sobre os processos educativos em espaços não escolares, como os terreiros de umbanda, investigando seu papel na formação da identidade cultural infantil. Isso contribui para o desenvolvimento de abordagens educativas que valorizem e fortaleçam a identidade cultural das crianças, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e humanizado.

Socialmente, o estudo visa ampliar o debate sobre as práticas educativas nos terreiros de umbanda, frequentemente negligenciados pela sociedade em geral. Ao explorar como essas práticas influenciam positivamente o reconhecimento da identidade cultural e o senso de pertencimento das crianças a um grupo social, pretende-se incentivar o respeito pela diversidade cultural e a valorização das heranças africanas. Isso pode contribuir para uma convivência social mais harmoniosa e inclusiva,

combatendo estigmas e promovendo uma maior compreensão das diferentes manifestações religiosas e culturais presentes na sociedade brasileira.

Este estudo é organizado em seis capítulos, cada um abordando aspectos cruciais das tradições orais nos terreiros de Umbanda e seu impacto na formação da identidade cultural infantil. No capítulo um, apresentamos a introdução, contextualizando a importância do tema e os objetivos da pesquisa. O segundo explora os terreiros de Umbanda como espaços de educação e tradição histórica, incluindo a construção histórica da Umbanda no Brasil, suas práticas educacionais e a relação entre educação e oralidade. No Terceiro, discutimos a criança e a infância no contexto dos terreiros, destacando as crianças como protagonistas na produção dos etnosaberes e na construção de suas identidades culturais.

O capítulo quatro, detalha os caminhos metodológicos adotados, abordando os tipos de pesquisa quanto à abordagem e objetivos, o tipo de estudo, a coleta e análise de dados, e os cuidados éticos envolvidos. No quinto apresentamos os resultados e discussões, analisando as tradições orais, o papel das crianças na produção dos etnosaberes e o impacto das narrativas na construção da identidade cultural infantil. Finalmente, o sexto capítulo traz as considerações finais, sintetizando as principais descobertas e sugerindo direções para futuras pesquisas. As referências concluem o trabalho, listando as fontes consultadas e utilizadas ao longo da pesquisa.



**TERREIROS DE UMBANDA: ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO E TRADIÇÃO
HISTÓRICA**



2 TERREIROS DE UMBANDA: ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO E TRADIÇÃO HISTÓRICA

A presente seção examina os terreiros de Umbanda como espaços essenciais de educação e tradição histórica. Primeiramente, aborda-se a construção histórica da Umbanda no Brasil, enfatizando o sincretismo, o hibridismo e a resistência cultural que caracterizam sua trajetória. Em seguida, explora-se o terreiro de Umbanda enquanto espaço de aprendizagem, destacando a educação como fenômeno social, a educação informal e as práticas educativas presentes nesses ambientes. Por fim, a importância das tradições orais nos terreiros de Umbanda, ressaltando como a oralidade contribui para a transmissão e perpetuação dos conhecimentos culturais e religiosos. Ao investigar esses aspectos, a seção busca oferecer uma compreensão profunda de como os terreiros de Umbanda funcionam como verdadeiros núcleos de educação e transmissão de saberes tradicionais.

2.1 Construção Histórica da Umbanda no Brasil: Sincretismo, Hibridismo e Resistência Cultural

Para entender a trajetória histórica da Umbanda no Brasil, é fundamental contextualizar seus primeiros indícios. Essa linha do tempo revela não apenas o racismo estrutural persistente até os dias atuais, mas também a discriminação e a negação da capacidade do negro de pensar, agir, ocupar cargos ou espaços públicos, muitas vezes rotulado como uma raça impura. Assim no livro “*Educação, escolarização e identidade negra: 10 anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE*”, por da sua pesquisa “*O negro no livro didático de História do Brasil para o Ensino Fundamental II da rede pública Estadual de Ensino, no Recife*”, Branco (2010, p. 104) descreve que:

Na nossa historiografia oficial [...] não há o reconhecimento do valor do negro como um construtor e participante da vida brasileira. Desde o século XV que a nossa história é permeada pelo sangue e o sacrifício desses humanos que foram arrancados de sua terra e de sua origem, transportados como “bestas” em navios tumbeiros, tratados como “coisas” e considerados pela Igreja Católica como “sem almas”.

O processo de colonização do Brasil foi caracterizado pela presença de diversas culturas, porém muitas delas foram negligenciadas pela predominância dos colonizadores europeus, que impuseram sua cultura ao país colonizado. A participação do negro na história brasileira remonta ao século XV, quando foi introduzida como

mão de obra escrava durante o processo de colonização europeiaA participação do negro no contexto histórico brasileiro deu-se através do processo de colonização europeia com a necessidade da mão de obra escrava no século XV.

Segundo Costa (2013) em sua tese *Umbanda, uma religião sincrética e brasileira*, às razões que levaram à substituição da mão de obra escrava indígena pela africana foram justificadas pela pouca resistência física dos indígenas, consequência da exaustão a que eram submetidos pelo trabalho escravo e pelas diversas doenças trazidas pelos europeus. Entre elas, podem-se destacar a varíola, o sarampo, a gripe e outras enfermidades contagiosas.

Esse período de tráfico de escravos africanos, denominado Diáspora Negra, envolveu a captura e venda de africanos com o objetivo de suprir a demanda por mão de obra escrava. Segundo o historiador Nogueira (2014), em seu artigo “*Exu no 'novo mundo': o processo de hibridação cultural da umbanda na diáspora africana*”, esse período diaspórico permitiu a formação de novas identidades culturais, que por sua vez são frutos dos processos do colonialismo. É diante desse contexto na história, ou seja, no contato e na troca de experiências culturais, emergiu uma nova identidade para os povos africanos no Brasil.

A busca por uma nova identificação foi causada pelo desejo do povo negro em manter-se em uma posição onde seriam reconhecidos como sujeitos participantes do meio social. Essa nova identidade refletia tanto seus próprios costumes e valores africanos quanto elementos culturais do homem branco, resultando em uma mescla cultural complexa.

Uma identidade embasada no perfil do homem branco, refletindo seus costumes e valores, tornando-se assim uma identificação híbrida e sincrética. Diante desse quadro de discriminação, racismo, construção identitária e negação de uma cultura divergente daquilo que foi imposto pelos colonizadores europeus, surgiram os primeiros indícios de manifestações religiosas africanas que conduziram à concretização da umbanda dos dias atuais. Uma umbanda marcada pelo hibridismo e pelo sincretismo religioso.

Essas duas características são marcas herdadas do processo de colonização. Segundo Costa (2013, p. 47), “o sincretismo religioso constitui a posição de elementos de uma dada religião que são estranhos entre si mesmos, e que podem ser advindos

da interação de elementos trazidos por uma outra religião ou pelas estruturas sociais". Ainda segundo Costa (2013, p. 51), "o hibridismo consiste na junção de dois elementos diferentes, reunidos de forma anômala para gerar um terceiro, que pode diminuir ou intensificar as características dos dois elementos originais e anteriores".

O hibridismo e o sincretismo religioso estão intrinsecamente ligados aos primeiros indícios da Umbanda na era colonial. Esses elementos estão associados a um branqueamento dentro dessa matriz, no qual o negro, em busca de respeito, incorporou valores culturais em seus hábitos e assimilou elementos cultuados na religião com a cultura europeia, como uma forma de evitar violências religiosas ou raciais. Essas características são identificadas como formas de resistência cultural presentes na Umbanda, uma estratégia adotada por uma cultura subjugada para preservar seu legado até os dias atuais.

Os primeiros indícios acerca de práticas religiosas afro-brasileiras remontam à cerimônia dos Calundus no século XII. Os Calundus, conforme descrito por Costa (2013), caracterizam-se por serem uma religião baseada no sincretismo, integrando elementos ameríndios, católicos e africanos em sua formação. Essa prática religiosa tinha a finalidade de praticar a caridade em forma de tratamento para pessoas enfermas através de processos de cura, questões amorosas e até mesmo profissionais.

O caso mais famoso de Calundu no Brasil colonial foi o de Luzia Pinta. Segundo Simas (2021) em seu livro *Umbandas: Uma história do Brasil* retrata como ocorreu o caso de calundu no final da década de 1730. O autor afirma que:

"Sobre Luzia Pinta, sabe-se que aos 12 anos de idade já era escravizada em Angola, de onde veio para o Brasil. Segundo testemunhas, nas cerimônias do calundu de Sabará, Luzia se vestia com saias brancas, usava trufas e panos de cabeça, eventualmente dançava com espadim nas mãos e ainda enfeitava a cabeça usando uma espécie de grinalda de penas e penachos de aves. Acompanhada por pessoas que cantavam e tocavam timbales e atabaques pequenos Luzia entrava em transe – segundo o inquérito “ficava fora de seu juízo” –, fazia mesuras e cortesias para saudar os presentes e começava a cuidar das pessoas que estavam doentes, indicando que tipos de remédios deveriam ser feitos e tomados para cada problema de saúde.” (Simas, 2021, p. 27)

Assim, diante das afirmações acima, podemos definir as práticas do Calundu como um ritual que envolve quatro elementos centrais: a dança, o som dos atabaques e do timbale, os rituais de cura e o transe apresentado pelos praticantes dessa cerimônia. Tais práticas religiosas visavam a caridade, oferecendo tratamento para

pessoas enfermas por meio de processos de cura, além de abordar questões amorosas e profissionais.

A etapa seguinte acerca da formação de um novo segmento religioso derivado do Calundu ocorreu no século XIX e é uma religião afrodescendente. Trata-se de uma matriz afro-brasileira, que, por se derivar do Calundu, possui em sua estrutura elementos afros, kardecistas, católicos e indígenas. De acordo com Costa (2013), a Cabula possuía caráter secreto, hermético e com pensamentos revolucionários em desejo de libertação do negro da escravidão no período do Brasil Colônia.

O registro mais antigo que retrata essa religião foi escrito pelo bispo católico Dom João Batista Corrêa Nery. Trata-se de uma carta que descreve os rituais da religião. Esse registro foi resgatado e apresentado pelo antropólogo Rodrigues (1988) em sua obra *Os africanos no Brasil*. Os escritos evidenciam uma visão negativa do ritual, retratando a Cabula como um movimento prejudicial devido à sua apropriação de elementos católicos. Eles também revelam aspectos estruturais da religião, como a hierarquização, sessões organizadas em casas ou nas matas, uso de cantigas, velas e defumação, entre outros (Rodrigues, 1998).

Esses elementos da cerimônia do Calundu e da Cabula refletem-se na estrutura religiosa atual da Umbanda no Brasil. Elementos como hibridismo e sincretismo, o uso do ojá, vestimentas brancas, pontos cantados, sons de atabaques, processos de cura, e a presença de altares com figuras do culto religioso foram herdados dos cultos do Calundu e da Cabula na era colonial brasileira.

Diante dos expostos acima, pode-se afirmar que o culto dos Calundus e da Cabula foram os precursores das matrizes afro-brasileiras, ou seja, essas cerimônias, embora sofressem perseguições e fossem obrigadas a sincretizar sua forma de cultuar, foram a fase inicial para a formação da Umbanda atual.

No início do século XX, surgiu a macumba carioca. Essa linha religiosa possuía caráter extremamente sincrético. Segundo Costa (2013), a macumba carioca agregava em seus elementos diversos aspectos de várias nações africanas, reflexos dos costumes europeus, kardecistas e indígenas. Diferente das matrizes afrodescendentes anteriores, que possuíam descrição na realização dos rituais, a macumba carioca proporciona mais força para o culto ao romper fronteiras, tornando-se notória.

Essa ascensão da Umbanda dentro do contexto cultural brasileiro ocasionou, segundo Costa (2013), uma nova forma de reorganização política, econômica, cultural, social e religiosa. Tais mudanças nesse contexto provocaram, ainda segundo o sociólogo Bastide (1985) em sua obra *As religiões africanas no Brasil*, dois segmentos dentro da Umbanda: um lado dessa linha religiosa estava atrelado ao Kardecismo, representando a classe média branca, e o outro ligado à macumba, que propunha manter o legado herdado dos rituais das matrizes africanas.

É nesse contexto, após anos de luta e resistência, que a Umbanda é representada como um movimento iniciado no dia 15 de novembro de 1908 através do médium Zélio de Moraes, segundo Simas (2021). Essa matriz religiosa do século XX é apresentada como uma Umbanda Branca, ou seja, segundo Rohde (2009), em seu trabalho *Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista*, define que, embora existisse a presença e a influência dos rituais afros e indígenas, os elementos Kardecistas prevaleciam nessa Umbanda apresentada por Zélio.

Diante do exposto, é possível afirmar que a trajetória histórica da Umbanda no Brasil está intrinsecamente ligada ao contexto de discriminação, racismo estrutural e negação da identidade do negro, que perduram até os dias atuais. Desde os primeiros indícios das manifestações religiosas afro-brasileiras, como os Calundus e a Cabula, até a consolidação da Umbanda contemporânea, percebe-se a luta pela preservação da identidade cultural e espiritual dos povos afrodescendentes.

A presença do negro na história brasileira foi marcada pela escravidão e pela negação de sua humanidade, mas também pela resistência e pela busca por reconhecimento e dignidade. Nesse contexto, as práticas religiosas afro-brasileiras foram formas de resistência cultural e espiritual, adaptando-se e sincretizando-se para sobreviverem em um ambiente hostil.

Assim comprehende-se que a voz, a fala teve um papel fundamental na preservação e na transmissão dessa religião. As tradições orais desempenharam um papel fundamental ao longo desse processo, transmitindo conhecimentos, valores e experiências de geração em geração. Desde as histórias ancestrais até os ensinamentos religiosos, as narrativas orais fortaleceram o vínculo das pessoas com sua cultura e espiritualidade, proporcionando um senso de identidade e pertencimento desde a infância.

As tradições orais desempenharam um papel fundamental na formação da Umbanda como uma religião brasileira distintiva. Desde sua origem no início do século XX, a Umbanda incorporou elementos das tradições religiosas africanas, indígenas e europeias, adaptando-se às realidades socioculturais do Brasil. As tradições orais permitiram a transmissão dinâmica de conhecimentos ancestrais, mitos, rituais e práticas espirituais entre gerações. Essa forma de comunicação não apenas preservou as raízes culturais dos povos africanos trazidos como escravos para o Brasil, mas também facilitou a adaptação e a fusão dessas tradições com influências locais.

Portanto, a Umbanda não é apenas uma religião; é uma expressão da rica tapeçaria cultural do Brasil, entrelaçando tradições ancestrais, influências contemporâneas e a luta pela afirmação da identidade negra. As tradições orais foram essenciais para preservar essa identidade, transmitindo não apenas conhecimento, mas também os valores e a essência que permeiam a religião até os dias de hoje. Compreender a história e o papel das tradições orais na Umbanda é crucial não só para entender a religião, mas também a história e cultura do povo brasileiro.

2.2 Educação e Oralidade nos Terreiros de Umbanda: Tradição e Aprendizagem

Sabe-se que a educação, enquanto fonte de ensino-aprendizagem, é um fenômeno recorrente no cenário social. Ela é produzida e adquirida ao longo do tempo. Trata-se, portanto, de um fenômeno social ordenado por um conjunto de processos responsáveis pela formação do sujeito e sua preparação para a vida em sociedade. Partindo desse princípio, podemos definir a educação a partir das concepções das educadoras Erika Dias e Fátima Cunha Ferreira Pinto através do artigo "*Educação e Sociedade*".

“A educação é, desde a sua gênese, objetivos e funções, um fenômeno social, estando relacionada ao contexto político, econômico, científico e cultural de uma determinada sociedade. O ato de educar é um processo constante na história de todas as sociedades, não é o mesmo em todos os tempos e lugares, e é, em sua essência, um processo social [...]. Um processo social que se enquadra numa certa concepção de mundo, concepção esta que estabelece os fins a serem atingidos pelo processo educativo em concordância com as ideias dominantes numa dada sociedade”.

A educação pode ser categorizada em três formas principais: formal, informal e não formal. A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, caracterizada por conteúdos previamente demarcados e organizados, conforme aponta Gonh (2005). A

educação informal, por outro lado, refere-se aos processos de aprendizado que ocorrem durante a socialização em contextos como a família, o bairro e entre amigos, sendo carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados, como destaca Libâneo (2010).

Segundo Libâneo (2010), essa forma de educação corresponde a ações e influências exercidas pelo meio sociocultural, das quais resultam conhecimentos, experiências e práticas, embora não estejam especificamente ligadas a uma instituição, nem sejam intencionais e organizadas. Já a educação não formal ocorre em espaços fora do ambiente escolar, mas com uma intencionalidade clara e objetivos definidos. Vieira (2005) define essa educação como aquela que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido.

Entende-se que a educação, enquanto processo formativo na sociedade, precisa levar em consideração o contexto ao qual está vinculada. Ela engloba os hábitos, costumes e valores de uma sociedade, transmitidos de geração em geração. Assim, os processos educativos não se restringem aos parâmetros da escolarização, mas estão presentes em diferentes contextos sociais. Eles se constituem por meio da troca de experiências vividas por um sujeito ao longo da vida.

Ao considerar a Umbanda sob essa perspectiva, podemos perceber que os terreiros funcionam como espaços educacionais que promovem a formação integral dos indivíduos. Nesses locais, a educação informal se revela na vivência das práticas rituais e na oralidade, onde os saberes são transmitidos de forma comunitária e interativa. Assim, a educação nos terreiros da Umbanda promove não apenas o aprendizado espiritual, mas também a socialização e a construção de identidades culturais.

Além disso, a Umbanda, ao preservar tradições que foram historicamente marginalizadas, atua como um agente de resistência cultural, promovendo a inclusão e o respeito à diversidade. A educação que ocorre nos terreiros, portanto, é um processo social que fortalece os laços comunitários e desafia preconceitos, alinhando-se à ideia de que a educação é um fenômeno social fundamental para a transformação individual e coletiva. De acordo com a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/1996*, a educação abrange os processos formativos que ocorrem no convívio familiar, na

convivência humana, nos ambientes de trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e nas manifestações culturais.

Os processos educativos informais presentes nos terreiros derivam da troca de conhecimentos e experiências cotidianas entre os mais velhos e os mais jovens. Luiz Rufino Rodrigues Junior, em sua tese de doutorado *"Exu e a pedagogia da encruzilhada"* (2017), afirma que essa é uma educação baseada na filosofia ancestral dos negros-africanos diaspóricos.

Essa educação ancestral está ligada à cultura africana e afro-brasileira e é embasada em princípios epistemológicos distintos do padrão eurocêntrico da pedagogia. Segundo Pimenta, Passos e Silva (2022), no artigo *"A pedagogia da ancestralidade no ensino de linguagem a partir da relação da Educação das Relações Étnico-raciais"*, essa pedagogia flui a partir das encruzilhadas com a perspectiva educacional contemporânea, vinculada aos princípios epistemológicos africanos.

Essa pedagogia ancestral é baseada nos saberes da cultura africana e afro-brasileira e se diferencia do padrão eurocêntrico ao enfatizar a cultura como objeto de estudo. Nascimento, Costa e Brasão (2022), no artigo *"Pedagogia ancestral: uma investigação sobre existência e resistência da identidade da comunidade quilombola de Alto do Capim, Quixabeira-BA"*, destacam a importância de estudar a ciência dos antepassados de povos que tiveram suas raízes desvalorizadas e segregadas.

“[...] a pedagogia ancestral, numa cultura foge do padrão eurocêntrico, é necessário estabelecer a conexão entre a vivência de um povo e o ensino informal ali existente, pois, esse ensino necessita ser instaurado com base na experiência de vida de cada indivíduo, e a sua maneira de ser protagonista e executor do seu espaço. A pedagogia ancestral apresenta um estudo etnocêntrico da importância de estudar a ciência dos antepassados de povos que tiveram suas raízes desvalorizadas e segregadas, mas que carregaram de maneira informal e perpassa todos esses ensinamentos, através de suas gerações.”

Como citado acima, a pedagogia ancestral é divergente do padrão eurocêntrico, que propõe estratégias, técnicas e métodos voltados para a compreensão da educação e a administração escolar em um determinado contexto. Esse modelo pedagógico ancestral é baseado na ancestralidade dos povos africanos, no modo de vida e nas experiências do cotidiano. Essa conexão com a ancestralidade assegura a transmissão da sabedoria, do pertencimento e da construção identitária. É construída

pensando nas necessidades dos sujeitos envolvidos nos espaços afro-religiosos, sem a preocupação com amarras impostas pelo conceito pedagógico proposto pela ciência.

Essa pedagogia ancestral representa uma forma de resistência cultural, que resgata e preserva os saberes ancestrais africanos, contribuindo para a identidade e a resistência das comunidades afrodescendentes. Baseia-se em práticas educativas vividas no cotidiano dessas populações, orientadas por suas tradições e valores culturais.

Nessa configuração, onde a epistemologia africana está no centro dos estudos da pedagogia ancestral, a educação nos terreiros é vista a partir do cotidiano da tradição dos terreiros de matrizes africanas, como é apontado na dissertação de mestrado “*A educação nos terreiros de Caruaru-Pernambuco: um encontro com a tradição africana através dos Orixás*”, produzida pela educadora Oliveira (2014) explica que:

“A educação nos terreiros tem como base a vivência da tradição cultural africana, permeada pela manutenção com os elos sagrados na busca da aproximação com os orixás. Os valores culturais africanos são revividos nos mitos, na culinária, no idioma através das músicas, das orações e nas saudações não só ao dirigirem-se às divindades como também entre os adeptos, além da exaltação da expressão corporal, através da dança que revive o antepassado mítico, suas histórias e a beleza negra.”

O ensino aprendizagem desse espaço é condicionado pelo cotidiano desse lugar. É um fenômeno educacional pensado a partir das heranças africanas presentes nos terreiros de umbanda, uma prática que tem como base a troca de experiências entre as pessoas desse cenário religioso. De acordo com a percepção dos educadores Katrib e Santos (2020) em seu artigo “*O aprender-ensinar na umbanda: desconstruindo olhares, abrindo possibilidades*” afirma que:

“[...]as práticas, os fazeres e os saberes, são representações culturais que envolvem o aprender-ensinar nos terreiros, perceberemos que essas práticas não estão presas a modelos pré-estabelecidos; recriam-se por meio das interações e inter-relações estabelecidas pelos sujeitos que vivenciam esses lugares de fé” (Katrib e Santos, 2020, p.21)

É um fenômeno vivenciado dentro do espaço de fé, orientado a partir da organização hierárquica do terreiro e do cotidiano dos terreiros de umbanda. Uma educação vivenciada a partir do axé. Assim, segundo Rodrigues (2017, p. 104):

“educação de axé compreende-se como os processos educativos vividos nos cotidianos dessas populações, uma espécie de habitus experienciado no tempo/espaço dos contextos afro-religiosos. Essas formas de educação praticadas nesses contextos educativos redimensionam a problemática educativa em relação à diversidade, revelando modos de educação como cultura. A educação de axé reivindicada pelos praticantes das comunidades de terreiro opera como uma espécie de educação intercultural, que vincula a experiência social do terreiro, balizada em suas tradições, com o restante do mundo. Nesse sentido, essas experiências revelam um modelo de educação, modo de sociabilidade orientado pela organização comunitária.”

Assim, ainda na perspectiva do autor, o modelo de compartilhamento das experiências do terreiro revela uma educação orientada pela forma de organização da comunidade. Essa organização educacional está relacionada com a posição hierárquica, ou seja, os mais velhos são responsáveis por transmitir os ensinamentos ancestrais para os mais novos.

Como o próprio termo sugere, a educação nos terreiros é divergente do conceito proposto pela ciência. Ela é baseada nas tradições da ancestralidade africana. Ainda segundo Nascimento, Castro e Brazão (2022), é a resistência do passado de um povo e de suas raízes que foram esquecidas por longos anos e que foram resgatadas para evitar o esquecimento. Tais ensinamentos e aprendizados enraizados nas matrizes ancestrais são refletidos nas danças, cantos, rituais, vestimentas, etc.

Nesse sentido, é importante expandir as reflexões acerca do que seria a prática educativa para compreender como ela ocorre em espaços informais. No artigo produzido pelas educadoras Crusoé, Moreira e Pina (2014) intitulado *“Definições de prática educativa em diferentes perspectivas sócio-educacionais”*, afirmam que a prática educativa é um processo composto por ações que transmitem sentidos, valores, crenças, fomentadas pelo diálogo e pelos saberes compartilhados pelos sujeitos envolvidos.

Trata-se de um fenômeno social crucial para a formação dos sujeitos, desenvolvendo-os para a vida em sociedade. Um processo que auxilia no desenvolvimento do sujeito enquanto humano. Inicialmente, podemos nos indagar como uma sociedade que não produziu escritos sobre seus costumes e valores manteve a sua tradição cultural viva ao longo dos anos? É dentro dessa indagação que podemos refletir sobre como a produção cultural dos terreiros de umbanda se manteve viva ao longo das gerações através da linguagem oral. É nesse sentido que nos leva a refletir

sobre como tais ensinamentos foram repassados de pessoa para pessoa. Com base na percepção do texto “*Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia*”, Santos (2012) afirma que:

O axé e o conhecimento passam diretamente de um ser a outro, não por explicação ou raciocínio lógico, num nível consciente e intelectual, mas pela transferência de complexo código de símbolos em que a relação dinâmica constitui o mecanismo mais importante. A transmissão efetua-se através de gestos, palavras proferidas acompanhadas de movimento corporal, com a respiração e o hálito que dão vida à matéria inerte e atingem os planos mais profundos da personalidade. (Santos, 2012, p. 47-48)

A partir da afirmação, entende-se que a transmissão de saberes na umbanda ocorre através da oralidade, ou seja, ela percorre os caminhos das tradições orais. A oralidade é uma prática educativa recorrente em terreiros de matriz afro-brasileira desde o início do surgimento da religião até os dias atuais. Ela é responsável pela troca de experiências e conhecimentos passados embasados pela ancestralidade. Para o educador Acildo Leite da Silva, em seu artigo “*Memória, Tradição Oral e a Afirmação da Identidade Étnica*” define que:

“A tradição oral, significa, então, transmitir, de boca em boca, todas as experiências que a ancestralidade dessa comunidade adquiriu, em seu caminhar pelo mundo material e imaterial/sobrenatural. Recuperar, pois, essa oralidade estimula os laços de solidariedade e integração social que sustentaram e sustentam essa memória coletiva” (Silva, 2004, p.6)

Essas tradições orais revelam-se mais do que uma atividade baseada na relação entre contador e ouvinte. Significam uma rede de transmissão de conhecimentos e do modo de vida. É um processo de aprendizagem vinculado aos espaços informais que são importantes para a consolidação de um determinado grupo. Elas possuem o mesmo peso significativo que os aprendizados envolvidos nos parâmetros escolares formais. Esse é um indicativo importante que deve nos levar a considerar que os saberes produzidos através das tradições orais dos terreiros de umbanda também são processos formativos na educação (Silva, 2004).

Pensar no processo oral enquanto prática educativa é compreender que ele percorre os caminhos adquiridos pelos saberes da cultura imaterial, ligados aos ensinamentos espirituais ou abstratos. Um processo vinculado pela memória coletiva,

lembranças essas que são repassadas dos mais velhos para os mais novos, sustentando a transmissão dos saberes através dos processos orais.

Nessa perspectiva, segundo a educadora Stela Guedes Caputo em sua obra “*Educação Nos Terreiros E Como A Escola Se Relaciona Com Crianças De Candomblé*” a oralidade é retratada como um suporte para a sobrevivência. Essa prática conduzida através da fala está presente nas narrativas, nos pontos, nos mitos e em todos os aspectos que constituem esses espaços religiosos (Caputo, 2012).

Dessa forma, a oralidade ocorre através dos saberes associados aos elementos concretos e abstratos ligados ao terreiro de umbanda. Esses elementos podem ser compreendidos, como dito anteriormente, pelas estruturas da cultura imaterial encontradas nos ensinamentos ancestrais, na memória, no diálogo, nas experiências, nos rituais, nas crenças e no cotidiano.

Para Daniela Barros Pontes e Silva, Saulo Pequeno Nogueira Florencio e Patrícia Lima Martins Pederiva (2019) em seu artigo “*Educação pela Tradição Oral de Matriz Africana no Brasil: Ancestralidade, Resistência e Constituição Humana*” os processos presentes nas tradições orais são responsáveis por constituir uma sociedade enquanto formação humana, identitária, social e coletiva. São práticas que, através do movimento de resistência e transformação, visam garantir a presença dos valores deixados pelos povos africanos.

Assim, nos terreiros de matriz afro-brasileira, as tradições orais não são somente um meio de comunicação entre os sujeitos presentes nos terreiros de umbanda. Elas representam um elo entre passado e presente de uma comunidade que permeia os caminhos da preservação de uma cultura. Trata-se de uma cultura imaterial que é repassada de geração em geração e é ela que mantém o elo de transmissão e aprendizagem de saberes entre mais velhos e mais novos dentro do terreiro. É o solo sagrado onde se pisa, são as palavras proferidas, é a oralidade materializada através dos gestos. Ela é o resgate e a preservação de uma memória cultural.

Por fim, as tradições orais contribuem para a integração social e comunitária. Ao compartilharem essas narrativas em rodas de conversa, durante os rituais e nas festividades, elas fortalecem os laços de amizade e solidariedade, construindo relações significativas dentro da comunidade.

Dessa forma, as tradições orais nos terreiros não apenas preservam o conhecimento ancestral, mas também oferecem uma educação que promove valores humanos essenciais, fortalece a identidade cultural e espiritual, e contribui para o desenvolvimento integral dos sujeitos, preparando-as para uma vida plena e consciente.

As tradições orais nos terreiros de Umbanda são mais do que simples histórias transmitidas de geração em geração; são práticas educativas essenciais que desempenham múltiplos papéis no desenvolvimento dos sujeitos. Através dessas narrativas eles não apenas absorvem conhecimento sobre sua cultura, história e espiritualidade, mas também desenvolvem valores, fortalecem os laços comunitários e exercitam a imaginação. Essas práticas não formam apenas indivíduos culturalmente conscientes, mas também os preparam para enfrentar desafios futuros, fornecendo-lhes uma base sólida para a vida. Assim, as tradições orais nos terreiros proporcionam uma forma de educação humanizada, onde o aprendizado é enraizado na rica tapeçaria cultural e espiritual das comunidades religiosas de matriz africana.



**CRIANÇA, INFÂNCIA E TERREIRO: CONSTRUINDO RESISTÊNCIAS ATRAVÉS
DAS LENTES INFANTIS**



Nanã



3 CRIANÇA, INFÂNCIA E TERREIRO: CONSTRUINDO RESISTÊNCIAS ATRAVÉS DAS LENTES INFANTIS

Neste capítulo, será apresentada a segunda parte do embasamento teórico desta monografia, que se estrutura em duas seções complementares. A primeira parte tem como objetivo explorar o papel fundamental da criança na produção dos etnosaberes, discutindo de que maneira ela se envolve ativamente nesse processo de construção e transmissão do conhecimento cultural e ancestral. A criança não é apenas receptora, mas também agente na perpetuação desses saberes, influenciando e sendo influenciada por seu meio cultural. Em seguida, a segunda parte aborda a relevância das tradições orais na formação da identidade cultural infantil. Através da oralidade, transmitem-se valores, histórias e memórias que moldam a compreensão da criança sobre si mesma e sobre o mundo ao seu redor, reforçando, assim, sua consciência de pertencimento às tradições de matriz africana. O impacto dessas tradições orais, portanto, vai além da simples transmissão de conhecimento, atuando diretamente na construção e fortalecimento de uma identidade cultural robusta desde a infância.

3.1 Crianças como Protagonistas: Etnosaberes nos Terreiros de Umbanda

Na sessão anterior, foi abordada a reflexão sobre como ocorrem as práticas educativas nos terreiros de umbanda. Neste capítulo, buscou-se compreender o papel da criança no contexto da produção dos etnosaberes nas tradições de matriz africana, ou seja, buscar entender sua configuração nesse processo de aprendizagem.

Para pensar a criança como protagonista desse cenário, é necessário compreender que ela tem uma maneira particular de ver, interpretar e agir na sociedade, ou seja, está relacionada com as formas pelas quais as crianças assumem seu papel como sujeitos ativos e contribuintes no contexto da aprendizagem. Esse protagonismo está ligado à concepção de *criança atuante e à infância*.

O termo "criança atuante" refere-se à participação ativa da criança no cenário social, ou seja, ela aprende através do diálogo, da interação com os outros, da experiência coletiva com seus pares e da cultura, assumindo também sua posição nas relações e comportamentos sociais. Em seu livro "*Antropologia da Criança*" a antropóloga Clarice Cohn explica o que é ser uma criança atuante dentro de um cenário social, assim segundo:

“ A criança atuante é aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamento sociais. Reconhecê-lo é assumir que ela não é um "adulto em miniatura" ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interageativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume de suas relações” (Cohn, 2005, p.16)

A criança, enquanto sujeito, possui autenticidade e personalidade própria. Ser criança é vivenciar seus papéis sociais, estabelecer relações consigo mesma e com os outros, é brincar, construir sua identidade e autonomia como participante de um meio social. Ela tem sua própria forma de ver e vivenciar o mundo, sendo uma participante ativa da vida em sociedade, na qual suas falas, ações e atitudes são dotadas de significados. Este entendimento da criança como ser atuante em sociedade é destacado Correia e Saraiva (2018) no artigo “ *Criança é tudo igual ? O problema da homogeneização do conceito de infância e os caminhos para uma antropologia da criança* ”.

A criança tem seu modo de ver o mundo, e o entendimento da importância desse olhar e de suas ações ressignificadas da observação trazem para o contexto social a que pertencem, seres dotados de agência e ação. O entendimento desse olhar da criança traz a importância de compreender a criança nas pesquisas acadêmica não como um "passivas de estudo" ou como um ser em construção visando o que ser formariam, mas como interlocutores de sua realidade social atual, entender uma antropologia da criança que a percebe em sua agência (Correia e Saraiva, 2018, p. 03).

A infância é concebida como uma particularidade da criança, definida a partir da visão que ela tem do mundo e de como interpreta a sociedade à qual está inserida, construindo suas relações. Nessa perspectiva segundo o historiador Philippe Áries em seu livro “ *História social da criança e da família* ” define que a infância “ corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem[...]" (Áries, 1981, p.156) .

Ariès (1981), argumenta que a infância, tal como a conhecemos, é uma construção social que evoluiu ao longo da história. Na Idade Média, as crianças eram frequentemente vistas como pequenas versões dos adultos, e sua infância não era reconhecida como uma fase distinta. Elas eram integradas rapidamente à vida adulta, assumindo responsabilidades e funções que, hoje, associamos a períodos muito mais tardios de desenvolvimento. A ideia de infância como um período de proteção e

aprendizado é um fenômeno que começou a ganhar força apenas a partir do Renascimento e se consolidou nos séculos XVII e XVIII.

Nesse contexto histórico, a percepção da infância foi moldada por transformações culturais e sociais. O surgimento de uma visão mais romântica e idealizada da criança, que valoriza sua inocência e fragilidade, trouxe à tona a necessidade de cuidados específicos e de um ambiente educacional que favorece seu desenvolvimento. Isso resultou no estabelecimento de instituições dedicadas à educação infantil e na promulgação de leis que visavam proteger os direitos das crianças, reconhecendo-as como seres em formação, dignos de atenção e proteção.

Além disso, a concepção de infância não é homogênea e varia significativamente entre diferentes culturas e contextos sociais. Enquanto nas classes sociais mais abastadas a infância passou a ser valorizada como um tempo de educação e lazer, nas classes populares, as crianças muitas vezes foram vistas como mão de obra, contribuindo para a economia familiar desde tenra idade. Essa diferença revela como a história social da infância é entrelaçada com questões de classe, gênero e etnicidade, refletindo as desigualdades presentes na sociedade.

Portanto, ao analisarmos a infância, é essencial considerar não apenas a perspectiva individual da criança, mas também os contextos sociais e históricos que moldam sua experiência. A reflexão sobre a infância nos permite entender como as relações sociais, as instituições e as políticas públicas influenciam o desenvolvimento infantil, ressaltando a importância de promover um ambiente que respeite e valorize essa fase da vida.

Essa particularidade da infância não diverge apenas entre crianças e adultos, mas também é uma categoria social composta por sujeitos ativos que agem e interpretam o mundo, estruturando e estabelecendo padrões culturais, conforme aponta Pereira (2007) no capítulo "*Visibilidade social e Estudo da Infância*" do livro "Infância (in)visível".

A infância é determinada pelos valores socioculturais de uma sociedade, ou seja, é uma construção baseada nos valores culturais de um determinado espaço. Isso significa que a variante cultural é o fator determinante para a pluralidade na forma de pensar, existir e ocorrer a infância.

Diante da construção dos conceitos de criança e infância, é importante considerar qual é o papel da criança na construção dos etnosaberes nos terreiros de umbanda. É pensar na criança a partir de suas percepções e entender que ela não é um adulto em miniatura, mas sim um sujeito ativo e agente cultural nos espaços religiosos. Como afirmam as educadoras Silva e Santana (2021) no artigo “*Ewé ó!: Crianças de terreiro e seus etnosaberes*” que “pensar as narrativas das crianças implica em compreender que essas trazem consigo a experiência do cotidiano, as relações desenhadas na textura social em que se inserem, as culturas, diferenças, alteridades e formas simbólicas partilhadas no ser e estar no mundo.”

Pensar na criança de terreiro, segundo sociólogo Pereira (2005) no texto “*Crianças: educação, culturas e cidadania activa: refletindo em torno de uma proposta de trabalho*”, é pensá-la a partir da percepção de um sujeito ativo e agente cultural onde ela assume suas funções diante do seu reconhecimento do ambiente ao qual está vinculada, ou seja, divergente da abordagem adultocêntrica.

É compreender a criança de terreiro a partir das suas percepções e como ela está vinculada ao terreiro de umbanda. Segundo a educadora Bergo (2010) em seu artigo “*Eu sou Muzenza*”: *o terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática*” afirma que o modo em que a criança se vincula ao terreiro, o modo em que ela projeta as sua visão de mundo daquele ambiente são permeados através das suas falas e ações.

Os etnosaberes são compreendidos como as aprendizagens adquiridas com base na vivência de um contexto específico e que podem ser transmitidas para a comunidade. As produções culturais construídas nos terreiros de umbanda, baseadas na oralidade, são exemplos de etnosaberes. Assim segundo o educador Fernandes (2016) em seu artigo “*Interculturalidade e etnosaberes*” afirma que os etnosaberes são reivindicações acerca da importância da oralidade enquanto saberes e fazeres das comunidades tradicionais.

Os aprendizados provenientes dos terreiros de umbanda são classificados como etnosaberes, pois são transmitidos para a comunidade ao longo dos anos. Esses saberes são produzidos através das tradições orais e são aprendizados que se manifestam nos ensinamentos ancestrais, na memória, no diálogo, nas experiências, na hierarquia, nos rituais, nas crenças e no cotidiano.

Buscar o papel da criança nessa produção de saberes, na visão de Cruz (2008) em sua obra “*A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*”, significa compreender e buscar formas de ouvir as crianças, explorando as múltiplas linguagens e buscando o que elas têm a dizer e conhecer seu ponto de vista. Esse ponto de vista conduzido e criado por elas nos dá a ideia de criança protagonista, ou seja, elas assumem o papel de contribuinte e de contribuidor dos etnosaberes. Essa participação das crianças na produção desses saberes as atribui os papéis de atores e atrizes sociais nos espaços dos terreiros de umbanda, conforme destaca Bergo (2010), como produtos de cultura.

A produção cultural por parte das crianças começa tipicamente com a cultura entre pares e depois se estende para a interação com o mundo adulto. Como afirma o sociólogo Corsaro (2002) em sua obra “*A sociologia da infância* ”, as crianças, quando inseridas em um contexto social, produzem uma série de cultura entre pares e, após a ressignificação desses conhecimentos, participam do mundo adulto de acordo com sua percepção. Seja essa produção vinda a partir das interações com seus pares ou com os adultos, as crianças são ativas durante todo o processo da produção dos etnosaberes. O autor ainda destaca que “sobre os pequenos legitima suas falas e ações e reconhece neles potencialidades que lhes permitem ocupar o lugar de sujeitos plenos”.

Dentro dos espaços afro religiosos não existe diferenciação nos modos em como os conhecimentos são repassados a partir das tradições orais, entretanto esses conhecimentos são ressignificados a sua maneira e transmitido de acordo com a sua percepção de mundo. Assim nessa percepção Silva e Santana (2021) afirmam que:

“As crianças são seres moventes que possuem um fluxo criador próprio onde os etnosaberes são construídos e reconstruídos na dinâmica do viver e estão no ser-saber-fazer próprio de cada uma/um em seus territórios, lugares, culturas”

Ao assumirem o papel de atores sociais e guardiões dos conhecimentos afro, as crianças passam a ser vistas como símbolos de resistência e de propagação dos ensinamentos umbandistas, que são enraizados nas tradições orais. Elas trazem consigo a possibilidade de garantir que esses saberes sejam transmitidos entre as gerações, perpetuando assim a cultura e os valores das comunidades afro-religiosas.

3.2 Tradições Orais na Umbanda: Construção da Identidade Cultural Infantil

O conceito de identidade cultural está associado ao conjunto de elementos construídos baseados na relação que o sujeito possui com o seu contexto cultural. Nesse sentido buscou-se compreender como as tradições orais, um processo educativo recorrente nos terreiros de umbanda, atua na construção da identidade cultural infantil.

Compreender o conceito de identidade cultural nos leva a refletir duas construções conceituais: *sociedade e cultura*. Assim, para o antropólogo José Carlos Rodrigues em seu livro “*O tabu do corpo*” afirma que a cultura é um mapa que orienta o comportamento humano na vida social (Rodrigues, 2006, p.18). É um sistema de dominação simbólica onde os indivíduos se comportam de acordo com elas (Rodrigues 2006). A ideia de cultura simbólica é refletida como um conjunto de significados que é produzido dentro de uma comunidade, ou seja, ela é construída a partir dos patrimônios imateriais e materiais de uma sociedade.

Entende-se por sociedade uma junção entre indivíduo com valores culturais que estão inseridos no mesmo contexto. Em sentidos gerais, segundo Castro (2000) em seu artigo “*O conceito de sociedade em antropologia: um sobrevoo*” afirma que:

“sociedade é uma designação aplicável a um grupo ou coletivo humano dotado de uma combinação mais ou menos densa de algumas das seguintes propriedades: territorialidade; [...] organização institucional relativamente auto-suficiente e capaz de persistir para além do período de vida de um indivíduo; distintividade cultural” (Castro, 2000, p. 2)

A sociedade é fundamental para os estudos das relações produzidas entre os sujeitos sociais, ou seja, ela significa um espaço onde os sujeitos vivem em um território e compartilham uma cultura. Compreende-se que a cultura e sociedade estão interligadas, pois ambas envolvem o compartilhamento de vivências e costumes. A cultura é o sentimento de pertencimento, ela fornece os elementos como as regras, crenças, padrões, e a sociedade é o espaço onde ocorre essa sensação de pertencimento.

Nesse sentido, a formação identitária de um indivíduo significa uma representação de pertencimento a um grupo social e transmite um modelo comportamental que reflete os aspectos culturais e sociais. Trata-se de um processo da vida humana que está sempre em construção, ou seja, ele é contínuo e está sujeito a mudanças. No livro “*Educação, escolarização e identidade negra: dez anos de*

pesquisa sobre relações raciais no PPGE- UFPE” por meio das contribuições da educadora Silva (2010) no capítulo “*Expressões de identidade do alunado afrodescendente*” aponta que a identidade é percebida a partir da visão construtivista.

Essa abordagem a partir do pensamento construtivista baseia-se na ideia em que o sujeito constroi as suas percepções mediante ao ambiente ao qual está inserido. A identidade, a partir dessa linha de pensamento, é determinada a partir dos aspectos sociais e culturais ao qual está inserida. Ela está sempre em construção, agregando valores e se consolidando a partir da interação dos sujeitos com o ambiente. As identidades no campo social estão sujeitas a um processo constante de reelaboração e como são compreendidas como não estáveis se caracterizam a partir das relações do interior e do exterior dos sujeitos (Silva, 2010).

É diante das relações entre cultura e sociedade que deve-se pensar a identidade cultural, ou seja, essa construção identitária é percebida a partir dos traços culturais de uma determinada sociedade. Segundo a educadora e pesquisadora Diana (2018) em seu artigo “*Identidade cultural* ” essa identidade é um sentimento de pertencimento a um determinado grupo social. Ela é o indicador do meio cultural que os sujeitos estão interligados, assim essa identidade sendo percebida a partir do compartilhamentos das crenças, tradições, preferências entre os membros de uma comunidade

Essa construção identitária é o elo de ligação entre indivíduos com características socioculturais parecidas. Ela se manifesta a partir da cultura de uma determinada sociedade, ou seja, na religião, dança,música, etc. A identidade cultural é o reconhecimento do sujeito enquanto participante de um determinado cenário social.

Segundo o sociólogo Hall (2006) em sua obra “*A identidade cultural na pós-modernidade* ” as identidades não podem ser dadas como determinadas em uma sociedade, pois elas estão em constante movimento e construção. O conceito de identidade está relacionado com a construção social e histórica de uma comunidade, ou seja, não é um elemento fixo e igualitário para todos os sujeitos. Está relacionado com os elementos culturais de uma sociedade (Hall, 2006).

Conhecer, conviver e aprender sobre as diversidades culturais presentes na sociedade é o que condiciona a formação da identidade cultural dos sujeitos, ou seja, essa identidade é fomentada a partir das peculiaridades culturais de um determinado

cenário. A construção da identidade da criança acontece a partir das relações desenvolvidas com a comunidade. Esse processo é fundamental no período da infância, pois é nela que elas estão propícias a aprender de acordo com sua percepção de mundo.

Se a criança estiver relacionada a uma comunidade rica na produção cultural e ligada a uma rede de socialização onde esses saberes são repassados, mais elementos serão agregados à constituição dessa identidade. Para Silva (2019) em seu artigo “*Noções de identidade de Stuart Hall e o diálogo com o patrimônio da cultura imaterial*” a identidade é constituída a partir das interações com símbolos, valores e práticas presentes na cultura. Essa construção agrega o sentimento de pertencimento social de uma criança.

A partir do momento em que ela se sente pertencente a uma comunidade, isso vai ser refletido no seu perfil identitário. Esse processo de formação da identidade é construído e reconstruído de forma dialética, ou seja, os significados dos valores compostos pelos aspectos culturais de uma sociedade são importantes para a formação da identidade cultural (Silva, 2019).

Pensar na identidade cultural na umbanda é entender que ela vai estar permeada pelos valores ancestrais. Assim segundo o antropólogo Ahyas Siss e as educadoras Maiza da Silva Francisco e Mônica da Silva Francisco no artigo “*A criança, terreiro, produção e saberes: apontamentos*” afirmam que “a produção de conhecimento acerca dos valores culturais transmitidos para as futuras gerações, contribui com a construção da identidade da criança no terreiro através da vivência religiosa [...]” (Siss, Francisco e Francisco, 2020, p. 6).

Como dito anteriormente, o cotidiano das crianças do terreiro é rodeado pelas heranças africanas e elas vão estruturar essa construção de identidade. Para Caputo (2012, p. 20) os terreiros “como espaços educativos, de circulação de conhecimentos, saberes e memória [...] afirmam-se identidades, constroem-se laços de pertencimentos e parentesco”.

Pensar na criança de terreiro e sua identidade construída nesse ambiente é entender que ela vai se desenvolver a partir da sua percepção de mundo, ou seja, a partir dos aspectos produzidos pela cultura de pares, pela interação com a comunidade e pelas atividades desenvolvimento por ela, como é afirmado pelo pedagogo Roberlan Melo da Silva m seu trabalho de conclusão de curso “*O terreiro de umbanda*

“Janaína e Ogum Beira-Mar” como lócus propiciador do ensino de ciências - uma experiência com crianças em espaço não-formal” :

As pequenas atividades realizadas pelas crianças, o modo de como interagem com o espaço, a significância deste, são pontos relevantes na construção da identidade, essa relação da criança com o espaço e as pessoas, discorre de saberes e significados, o espaço sociocultural constroi a identidade e as crianças constroem, assim como dão um novo significado de sua maneira própria de ver o mundo (Silva, 2018, p. 37).

Até aqui compreendemos as relações entre cultura, sociedade e identidade, como também o conceito e a construção identitária na perspectiva cultural. Entretanto, o ponto central da discussão é compreender como as tradições orais atuam na construção da identidade cultural infantil.

A identidade cultural é construída a partir das memórias coletivas presente na sociedade, ou seja, é a produção cultural de uma sociedade que vai ser a base para a construção da identidade enquanto ser social. Na linha de pensamento dessa pesquisa a identidade cultural da criança será formada a partir da forma em que ela internaliza o aprendizado do terreiro de umbanda, que ocorre por meio da oralidade.

Segundo a pesquisadora Freitas (2012) em seu artigo “*Oralidade e cultura*” afirma que a cultura oral toma várias formas de representatividade em uma determinada sociedade, ou seja, apresentando as particularidades e que estão interligados em várias histórias, na forma ao qual são transmitidas de geração em geração por meio da cultura oral.

São os elementos compostos nas tradições orais em terreiros de umbanda que estruturar os conhecimentos na identidade cultural, ou seja, são os contos, as rodas de conversas, os pontos cantados que vão permitir à criança conhecer o passado e com isso agregar valores na sua construção identitária. É pelos caminhos das tradições orais que uma sociedade constroi a sua cultura e é através dela que um indivíduo adquire elementos para construir a sua identidade.

É através da oralidade que a criança vem a ter acesso aos elementos que compõem essa cultura, assim possuindo artefatos culturais para a construção da sua identidade cultural. São esses elementos que possibilitaram a criança a se reconhecer como participante de uma comunidade.

É esse conhecimento perpetuado através da oralidade que abre caminhos para a resistência cultural umbandista, ou seja, a identidade construída por elas é o sinônimo de resistência. Segundo os educadores Miranda e Melo (2017) no artigo “*O corpo afro religioso entre simbologias, saberes culturais e ancestralidade*” afirmam que o sujeito nas religiões afrodescendentes é muito além de um organismo biológico, ou seja, eles são a matéria que carregam as marcas das histórias ancestrais que são responsáveis pela constituição da identidade cultural.

As tradições orais umbandistas desempenham um papel crucial na construção da identidade cultural infantil dentro dessa religião, servindo como um elo fundamental entre as gerações e a rica herança espiritual e cultural da Umbanda. Através de contos, cantos, pontos (canções sagradas), lendas de entidades espirituais, e ensinamentos passados verbalmente, as crianças umbandistas absorvem valores, normas e conhecimentos que moldam sua compreensão do mundo espiritual e de si mesmas.

Essas narrativas preservam a sabedoria ancestral, fortalecem os laços familiares e comunitários, e promovem um profundo senso de pertencimento e continuidade. Ao participar dessas práticas culturais e rituais, as crianças desenvolvem uma conexão espiritual única, internalizando a identidade coletiva que define e distingue a Umbanda. Assim, as tradições orais umbandistas são essenciais para a formação da identidade cultural infantil, garantindo que os ensinamentos e experiências do passado continuem a influenciar e enriquecer as gerações futuras dentro dessa religião.

São essas histórias ancestrais que construíram as identidades das crianças baseadas nos valores ancestrais e com isso um sinônimo de resistência cultural. A garantia de que as tradições orais estariam presentes na propagação dos ensinamentos ancestrais.



**CAMINHOS METODOLÓGICOS: IDENTIDADE E TRADIÇÕES ORAIS COMO
FONTES DE SABEDORIA**



4 CAMINHOS METODOLÓGICOS: IDENTIDADE E TRADIÇÕES ORAIS COMO FONTES DE SABEDORIA

A metodologia do trabalho científico é a parte descritiva das etapas em que se segue uma pesquisa. Segundo Gil (2008), o método científico é definido “como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento” (Gil, 2008, p.8). Para Gil (1999), a metodologia científica é um composto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados com o propósito de atingir determinado conhecimento. Nessa seção será abordado a metodologia da pesquisa, buscando descrever o Tipo de pesquisa quanto à abordagem; Tipo de pesquisa quanto aos objetivos; Tipo de estudo; Coleta de dados; Análise de dados.

4.1 Tipo de pesquisa quanto a abordagem

Considerando a natureza desta pesquisa optou-se por uma abordagem qualitativa, pois ela é a que enquadra-se melhor nos prospectos que apresenta-se neste escrito. Tendo em vista que o objeto de estudo dessa pesquisa são as crianças de terreiro, tradições orais e a identidade cultural.

Segundo Gil (2002) em seu livro “*Como elaborar projetos de pesquisa*” a pesquisa qualitativa permite uma interação dinâmica entre o problema de pesquisa e a descrição dos fenômenos observados no objeto de estudo, possibilitando um aprofundamento interpretativo do tema e a análise detalhada dos dados coletados. O autor destaca que a escolha por esse tipo de abordagem é apropriada quando se busca compreender o significado dos fenômenos sociais, oferecendo uma compreensão rica e detalhada.

Marconi e Lakatos (2003) afirmam que a escolha do tipo de pesquisa quanto à abordagem é feita de acordo com os objetivos propostos ao longo de um projeto. No caso da pesquisa bibliográfica, a abordagem qualitativa é ideal, pois propõe uma análise interpretativa e uma compreensão profunda do tema estudado. Eles enfatizam que a pesquisa qualitativa não se restringe somente a dados numéricos, mas busca compreender e explicar fatos a partir da descrição e interpretação dos componentes de uma pesquisa. A abordagem qualitativa permite ao pesquisador obter respostas claras e objetivas, proporcionando uma visão ampla e potencialmente contribuindo para novas reformulações teóricas do tema estudado.

Neste estudo, a abordagem qualitativa facilita a exploração e compreensão das tradições orais e da identidade cultural das crianças de terreiro, permitindo uma análise detalhada das práticas e significados culturais transmitidos oralmente.

4.2 Tipo de pesquisa quanto aos objetivos

Considerando os objetivos dessa pesquisa e a forma mais viável de chegar às respostas desejadas, optou-se por uma pesquisa de cunho exploratório em relação aos objetivos definidos. Segundo as afirmações de Gil (2002, p.41) pesquisas exploratórias possuem como objetivo garantir proximidade com o problema, podendo assim formular questionamento, hipóteses, estudo bibliográfico e entrevistas. Gil (2002) destaca que a pesquisa exploratória é útil para esclarecer conceitos, construir hipóteses e identificar possíveis relações entre variáveis, fornecendo uma base sólida para estudos posteriores.

A pesquisa exploratória vai permitir ter fundamentos, bases e agregações que visam permitir a chegar em uma conclusão dos objetivos almejados dentro desta pesquisa. Marconi e Lakatos (2003) também enfatizam que a pesquisa exploratória é adequada quando se busca obter uma compreensão inicial de um fenômeno, especialmente em áreas onde há pouca informação disponível. Eles sugerem que a pesquisa exploratória é essencial para desenvolver novos insights e abrir caminho para investigações mais detalhadas.

Neste estudo, a pesquisa exploratória permitirá estabelecer fundamentos, bases e agregar informações que visam alcançar os objetivos almejados. Ao investigar as tradições orais e a identidade cultural das crianças de terreiro, a pesquisa exploratória possibilita uma compreensão inicial do tema, identificando aspectos importantes que serão aprofundados ao longo da pesquisa.

4.3 Tipo de estudo

O tipo de estudo escolhido para o desenvolvimento dessa pesquisa é um estudo bibliográfico. Segundo Lakatos e Marconi na obra “*Fundamentos de metodologia científica*” afirmam que:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou

filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma fonética, quer publicadas, quer gravadas (Marconi e Lakatos, 2003, p. 183)

Gil (2002) destaca que a pesquisa bibliográfica é uma etapa crucial em todo trabalho científico, pois fornece uma visão abrangente dos estudos realizados sobre a temática da pesquisa. Ele argumenta que a revisão da literatura é fundamental para identificar lacunas no conhecimento existente e fornecer uma base teórica sólida para a pesquisa. Consiste no levantamento e seleção de informações relacionadas ao tema a partir de fontes como teses, jornais, artigos, gravações, dissertações, anais, entre outros. Essa modalidade de estudo visa não apenas discutir uma temática já pesquisada, mas também atualizar conhecimentos por meio de obras já publicadas.

A pesquisa bibliográfica é uma etapa importante em todo trabalho científico, pois ela fornece os estudos realizados sobre a temática desta pesquisa . Ela consiste no levantamento e na seleção de informações relacionados a pesquisa a partir de fontes como: teses, jornais, artigos, gravações, dissuração, anais, etc. Essa modalidade de estudo tem finalidade não apenas de falar de uma temática já pesquisada, mas também a atualização de conhecimentos através de obras já publicadas.

A escolha para tal tipo de estudo deu-se a partir de uma nova abordagem a fim de contribuir significativamente para a sociedade acadêmica e é importante pois ela vai permitir analisar e compreender as especificações existentes na pesquisa, assim como a complexidade do objeto de pesquisa.

4.4 Coleta de dados

Segundo Marconi e Lakatos (2003), a coleta de dados é um método científico que envolve atividades sistemáticas e racionais com o intuito de alcançar objetivos específicos, detectar possíveis erros e auxiliar na perspectiva de uma nova abordagem. A coleta de dados neste estudo será realizada através de um estudo bibliográfico de artigos científicos, teses e dissertações que abordam as tradições orais e a identidade cultural das crianças de terreiro.

Marconi e Lakatos (2003) destacam que a coleta de dados a partir de fontes secundárias, como a bibliografia existente, é fundamental para identificar diferenças e semelhanças nas informações, permitindo uma análise comparativa e a construção de um referencial teórico sólido. Gil (2002) também enfatiza a importância de uma coleta

de dados sistemática e bem planejada, afirmando que ela é crucial para garantir a validade e a confiabilidade dos resultados da pesquisa. A partir desse estudo bibliográfico, é possível obter uma base consistente para a análise subsequente, garantindo a validade e a relevância dos dados coletados.

4.5 Análise de dados

A análise de dados será realizada por meio de um estudo bibliográfico voltado para a temática desta pesquisa. Gil (2002) destaca que a análise qualitativa envolve a interpretação dos conteúdos encontrados na literatura revisada, permitindo identificar padrões, categorias e temas recorrentes relacionados ao objeto de estudo. A análise dos dados coletados será focada na compreensão das tradições orais e da identidade cultural das crianças de terreiro, buscando interpretar e contextualizar as informações de acordo com a literatura existente.

Marconi e Lakatos (2003) enfatizam que a análise de dados é o processo de dar sentido aos dados coletados, permitindo ao pesquisador compreender profundamente o objeto de estudo. Eles argumentam que a análise qualitativa é essencial para identificar e compreender as nuances e complexidades dos fenômenos estudados, proporcionando uma visão detalhada e fundamentada do tema. Durante esta fase, será realizada a interpretação dos dados coletados, com o objetivo de alcançar as respostas aos objetivos desejados. A análise qualitativa permitirá identificar e compreender as nuances e complexidades das tradições orais, proporcionando uma visão detalhada e fundamentada do tema estudado.

4.6 Cuidados éticos

Para garantir a integridade ética desta pesquisa bibliográfica, foram adotadas diversas medidas ao longo do processo de desenvolvimento do trabalho. Primeiramente, assegura-se o respeito aos direitos autorais, realizando a devida citação de todas as fontes consultadas. Este procedimento é essencial para atribuir o crédito apropriado aos autores originais e evitar qualquer forma de plágio, que é uma grave violação ética e acadêmica.

A transparência foi mantida de maneira rigorosa durante toda a pesquisa. As metodologias utilizadas para a seleção, análise e interpretação das fontes bibliográficas foram descritas de forma clara e detalhada. Isso inclui uma explicação minuciosa dos

critérios de inclusão e exclusão de fontes, permitindo que outros pesquisadores possam compreender e, se necessário, replicar os métodos empregados.

Além disso, uma postura de imparcialidade foi cuidadosamente mantida na análise e apresentação das informações coletadas. Esforçou-se para evitar qualquer distorção dos dados que pudesse favorecer hipóteses ou conclusões pré-concebidas. A imparcialidade é fundamental para garantir que os resultados apresentados sejam fieis às evidências encontradas nas fontes.

Embora a pesquisa bibliográfica não envolva diretamente dados pessoais dos indivíduos, a confidencialidade foi igualmente considerada. Respeitou-se a privacidade dos indivíduos mencionados nas fontes, tratando as informações com a devida responsabilidade e evitando qualquer exposição inadequada.

Em relação aos conflitos de interesse, foi adotada uma política de transparência total. Qualquer possível conflito de interesse que pudesse influenciar a interpretação dos dados ou a condução da pesquisa foi devidamente declarado. Esta prática é crucial para manter a confiança na integridade do estudo.

A utilização responsável das informações foi outra prioridade ao longo da pesquisa. Esforçou-se para evitar a disseminação de dados errôneos ou deturpados, garantindo que as informações apresentadas fossem precisas e verificáveis. Esse compromisso com a veracidade das informações é vital para a contribuição científica e acadêmica do trabalho.

Por fim, a objetividade e o rigor científico foram mantidos durante todo o processo de seleção e análise das fontes. Utilizou-se critérios rigorosos para assegurar a qualidade e a integridade da pesquisa, contribuindo para a credibilidade e a confiabilidade dos resultados obtidos. Esses cuidados éticos visam não apenas garantir a validade do estudo, mas também fortalecer a confiança na pesquisa acadêmica como um todo.



RESULTADOS E DISCUSSÕES: TRILHANDO CAMINHOS ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS E IDENTIDADE CULTURAL



5 RESULTADOS E DISCUSSÕES: TRILHANDO CAMINHOS ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS E IDENTIDADE CULTURAL

5.1 Análise das Tradições Orais na Umbanda: Educação e Transmissão de Saberes

A partir das questões e da construção teórica sobre as tradições orais umbandistas, entende-se que ela foi apresentada a partir da fala e das experiências cotidianas dessa comunidade. A escolha dos trabalhos deu-se a partir da similaridades de trabalhos já construídos sobre as tradições orais. Nesta seção, propõe-se discutir com os autores das obras selecionadas e compreender a partir das perspectivas dos mesmos como ocorrem as tradições orais nos terreiros de umbanda.

O primeiro trabalho a ser analisado é uma tese de doutorado intitulada “*Educação, resistência e tradição oral: a transmissão de saberes pela oralidade de matriz africana nas culturas populares, povos e comunidades tradicionais*”, elaborada pela educadora Daniela Barros Pontes e Silva. A análise desta seção será pensada a partir de como a autora apresenta essas tradições orais, ressaltando-se que candomblé e umbanda embora sejam religiões de matrizes africanas são distintas e apresentam alguns elementos intrínsecos entre si.

Em sua tese, uma pesquisa etnográfica realizada em uma casa de candomblé, ela explica que as tradições orais permeadas pela ancestralidade são importantes para a formação humana do sujeito e como essa tradição contribui para a formação identitária dos sujeitos nas culturas populares, povos e comunidades tradicionais. Assim os processos educativos são percebidos a partir das tradições orais e preservam a essência do caráter educativo a partir da vivência do cotidiano e levando em consideração as especificidades de cada um nos espaços de fé (Silva, 2017).

O segundo texto a ser analisado é um artigo produzido por Cairo Mohamad Ibrahim Katrib e Tadeu Pereira dos Santos nomeado por “*O aprender-ensinar na umbanda: desconstruindo olhares e abrindo possibilidades*”. O artigo retrata sobre os processos de aprender-ensinar, entre eles as tradições orais, e que nesse espaço existe uma educação divergente do processo padrão e no entanto válida nos terreiros de umbanda.

De modo geral as tradições orais nos terreiros de umbanda enquanto prática educativa ocorre no cotidiano, ultrapassando o universo da fala como não apenas como um instrumento comunicativo (Silva, 2017), mas como um ato de reconhecimento e resistência cultural. Katrib e Santos (2020) afirmam que esses

aprendizados nos terreiros de umbanda não ocorrem de forma estruturada em uma cronologia fixa ou espaços específicos, ocorrendo de forma fluida e integrada no contexto das atividades religiosas. Isso sugere que o ensino não está limitado a momentos específicos, mas permeia toda a experiência religiosa.

É partindo dessa percepção que deve-se analisar as tradições orais compreendendo como ocorre nas casas de axé umbandista. Nos terreiros de Umbanda, a tradição oral é o principal meio de transmissão de saberes e práticas culturais. Este processo educativo é contínuo e se manifesta de diversas formas no cotidiano dos terreiros. A educação pela oralidade inclui a transmissão de conhecimentos sobre rituais, mitos, histórias ancestrais, práticas de cura e fundamentos religiosos. Os saberes são passados de geração em geração através da fala, das expressões corporais, dos cantos, das danças, e dos rituais.

A primeira pauta proposta pela autora de como ocorrem essas tradições é através da ancestralidade, especificidades dos terreiros e o cotidiano como é apontado por Silva (2017) e Katrib e Santos (2020). Quando se pensa nos saberes ancestrais presentes nos terreiros de umbanda geralmente os associa com as histórias e o modo de viver dos antepassados. Entretanto ela deve ser compreendida como um fio condutor na transmissão de saberes propostos através das tradições orais (Silva, 2017). Não trata-se somente de conhecer o passado transmitido nos saberes orais dos terreiros de umbanda, é conhecer e ser educado por ele.

A ancestralidade é o pilar central da tradição oral nos terreiros de Umbanda. Os conhecimentos e práticas são guardados na memória coletiva e transmitidos oralmente, conectando as pessoas às suas raízes e do conhecimento ancestral e promovendo um senso de identidade e pertencimento. Ela permite uma ligação com os ancestrais, cujas tradições e conhecimentos foram adaptados e preservados nos terreiros de Umbanda.

Os rituais e as cerimônias herdadas dos conhecimentos ancestrais são momentos chave de transmissão de saberes através das tradições orais, onde os participantes aprendem através da observação e participação ativa. Esses rituais reforçam a memória e a presença dos ancestrais no cotidiano do terreiro, como é apontado por Silva (2017). A memória coletiva são momentos chave de transmissão de saberes, onde os participantes aprendem através da observação e participação ativa. Esses rituais reforçam a memória e a presença dos ancestrais no cotidiano do terreiro.

A ancestralidade não é apenas um conceito abstrato, mas é vivida e manifestada diariamente nas práticas e rituais do terreiro. A constituição humana, nesse contexto, está profundamente ligada à internalização e vivência desses saberes ancestrais.

Katrib e Santos (2020) afirmam que os aprendizados ocorrentes nos terreiros de umbanda ocorre de forma coletiva, ou seja, os caminhos trilhados a partir das tradições orais reflete uma abordagem educativa que permite a presença de várias vozes, seja essa voz pertencente a um adulto ou a uma criança, que contribuem para a transmissão e recebimento de conhecimentos, valorizando a troca e a diversidade de experiências.

Esse fator destacado pela autora é refletido nos terreiros de umbanda, pois esse lugar enquanto espaço educativo desenvolve suas narrativas orais no cotidiano. Trata-se de uma prática educativa pensada e sustentada pelos saberes ancestrais. São saberes orais constituídos a partir da ancestralidade e das especificidades de cada espaço umbandista.

Para Silva (2017) e Katrib e Santos (2020) aponta que a educação nos terreiros é indissociável do cotidiano; a todo o momento ele revela-se como um lugar educativo diante das atividades diárias, do diálogo e das experiências entre os membros da comunidade. Nos terreiros de umbanda é um processo orgânico que ocorre através das atividades diárias, das relações sociais, e das práticas comunitárias.

Cada momento e interação no terreiro é uma oportunidade de aprendizagem e transmissão de saberes. As práticas de trabalho, a maneira de falar, as relações familiares e comunitárias são todas permeadas pela tradição oral. A vivência cotidiana nas práticas do terreiro é fundamental para a transmissão dos saberes, pois envolve não apenas a teoria, mas principalmente a experiência prática. Essa abordagem educativa está alinhada com a pedagogia ancestral mencionada anteriormente. O último fator apresentado por Silva (2017) são as especificidades de cada terreiro, ou seja:

“ A tradição oral de matriz africana estrutura-se através de determinações hierárquicas específicas, que organizam a relação e a responsabilidade dos mais velhos e dos mais novos, o acesso aos saberes e aos segredos, o lugar de fala e o lugar de escuta. Materializa-se pelo diálogo e no diálogo, entre as pessoas, no cotidiano e com o tempo, por isso, é preciso vivê-la para compreendê-la e para aprendê-la” (Silva, 2017, p. 161|)

A especificidade hierárquica dos terreiros de umbanda enquanto fator educativo proporciona um aprendizado gradual, respeito e responsabilidade. Quando se pensa em hierarquia assimila-se a uma posição de poder. Um posto onde se tem uma concentração de autoridade onde a ocupação dos inferiores são vistos como subordinados da classe mais alta.

Nos terreiros de umbanda existem muitas formas de hierarquia, porém todas possuem um padrão parecido. Nesses espaços a hierarquia é percebida de outro aspecto, Silva (2017) aponta que os conhecimentos propostos pelos saberes orais repassados através da hierarquia materializam-se pelo diálogo e através do diálogo entre as pessoas, no cotidiano e no tempo. A visão de saberes compartilhados através da hierarquia está ligada com “a relação e a responsabilidade dos mais velhos e dos mais novos, o acesso aos saberes e aos segredos, o lugar de fala e o lugar de escuta” (Silva, 2017, p. 161).

Katrib e Santos (2020) afirmam que “a hierarquia na Umbanda é valorizada não pelo grau de conhecimento escolar/acadêmico, mas sim pelo tempo de experiência e vivência no terreiro que independe da condição social, econômica, educacional ou idade”.

Nesses espaços sagrados, a forma de pensar a hierarquia como uma forma de propagar as tradições orais abre uma nova forma de pensar e observar as diferentes narrativas e percepções vinda desses conhecimentos. Essa forma nos permite ver que nos terreiros o fator idade é irrelevante e o que permite essa transmissão de saberes a partir da hierarquia é o tempo de iniciação na religião.

O processo de aprendizagem nesses espaços materializa-se através do diálogo e pelo diálogo entre as pessoas da comunidade dos terreiros de matrizes afro-brasileiras e com o tempo. É preciso viver as tradições orais nos terreiros de umbanda para compreendê-la e aprendê-la. As tradições orais ultrapassam o universo das palavras pronunciadas, assim a palavra educa tanto quanto o corpo em suas expressões materializadas através da voz. Uma educação embasada entre pessoas do passado e presente. Uma educação onde se valoriza os aprendizados ensinados pelas crianças e também pelos adultos (Silva, 2017).

A análise das tradições orais nos terreiros de umbanda, à luz dos estudos de Silva (2017) e Katrib e Santos (2020), revela a forma como essas práticas se manifestam e influenciam profundamente a vida e a educação dentro desses espaços

religiosos. Nos terreiros de umbanda, as tradições orais não são apenas um meio de comunicação, mas sim o tecido vivo que une passado, presente e futuro da comunidade religiosa. Elas se manifestam de maneira orgânica e integrada ao cotidiano, permeando todas as atividades e interações.

A ancestralidade é o alicerce dessas tradições, conectando os praticantes às raízes culturais e espirituais de seus antepassados. Os rituais e cerimônias são momentos cruciais onde esses saberes são transmitidos, não apenas através das palavras, mas também por meio de gestos, cantos, danças e expressões corporais.

Nos terreiros de umbanda, a educação pela oralidade vai além da simples transmissão de conhecimento religioso; ela abarca valores, ética e moralidade, sendo incorporada ao modo de vida dos praticantes. Essa educação ocorre de forma contínua e fluida, durante todas as atividades religiosas e interações comunitárias.

A hierarquia dos terreiros de umbanda não é apenas uma estrutura de poder, mas também um canal para a transmissão de saberes. Ela organiza a relação entre os mais velhos e os mais novos, proporcionando um ambiente de aprendizado gradual, respeito e responsabilidade. A hierarquia, nesse contexto, é permeada pelo diálogo constante e pela troca de experiências.

Assim, as tradições orais nos terreiros de umbanda são vivenciadas no dia a dia, em cada gesto, palavra e interação. Elas constituem não apenas uma forma de transmitir conhecimento, mas também de fortalecer a identidade religiosa, promover o pertencimento comunitário e preservar a riqueza cultural e espiritual do povo de terreiro.

5.2 O Papel das Crianças na Produção dos Etnosaberes nos Terreiros de Umbanda: Uma Análise

A análise desta seção vai partir do texto base produzido pelas educadoras Hellen Mabel Santana Silva e Marise de Santana no artigo “*Ewé ó!Crianças de terreiro e seus etnosaberes* (2021). O artigo em questão aborda a relação da criança com o terreiro e na produção dos etnosaberes, e a importância das crianças como agentes sociais que possuem saberes e fazeress essenciais para o funcionamento dessas comunidades religiosas.

Até aqui, compreendemos que os etnosaberes, segundo o educador Raphael Fernando Diniz em seu artigo “*Etnosaberes e culturas tradicionais afro brasileiras: farmacopeia, magia e reprodução material e simbólica de comunidades quilombolas do*

vale do jequitinhonha-MG"os etnosaberes constituem-se como uma expressão cultural através da interação entre homem e natureza, das experiências cotidianas e das interações sociais, costumes e cosmovisões das comunidades afro-religiosas (Diniz, 2019).

Nesse sentido, as tradições orais nos terreiros de umbanda são produções que pertencem aos etnosaberes, pois desempenham um papel crucial na transmissão de conhecimento, preservação cultural, expressão espiritual e resistência histórica. Partindo disso, a análise desta seção propõe responder ao questionamento: Qual é o papel da criança na produção dos etnosaberes?

Na umbanda, assim como em outras tradições religiosas de matrizes afro-brasileiras, a criança é vista como um membro importante nesse espaço sagrado e desempenha papéis significativos na prática religiosa e na produção dos etnosaberes. Pensar no papel da criança na produção desses saberes é perceber a partir da sua presença em rituais, transmissão de conhecimentos, valorização da oralidade e no papel de guardiões dos saberes.

No universo dos terreiros de umbanda, as crianças não são vistas somente como observadoras, mas como participantes ativas nessa comunidade em seu cotidiano. Elas são reconhecidas como detentoras de conhecimentos próprios, adquiridos através da vivência e da interação com os mais velhos. Através da educação simbólica, que combina rituais, imagens e práticas, as crianças absorvem e contribuem com os saberes tradicionais. Nesse sentido, Silva e Santana (2021) apontam que:

[...]as crianças, energias basilares que movimentam o cotidiano a partir das múltiplas experiências tecidas na circularidade da participação, são atrizes e atores sociais importantes uma vez que, são compreendidas como aquelas que possuem saberes e fazeres que podem e devem contribuir para a dinâmica do todo, fortalecendo a tríade passado, presente e futuro no espaço-tempo cosmogônico.

No contexto dos terreiros de umbanda, as crianças desempenham papéis sociais que vão além da sua presença no ambiente religioso. Considerando-as como energias basilares, como foi apontado pelas autoras, ressaltam-se não apenas a sua importância, mas também a vitalidade na contribuição dos seus saberes. Essas crianças não são apenas observadoras, mas participantes ativas do cotidiano do terreiro.

A participação ativa das crianças é enfatizada, indicando que elas não estão somente presentes, mas estão envolvidas nas práticas, rituais e vivências que ocorrem no espaço do terreiro. Essa participação é fundamental para a construção e transmissão

dos conhecimentos religiosos, pois elas tecem saberes na circularidade das interações e experiências compartilhadas.

Além disso, as crianças são reconhecidas como detentoras de saberes e fazeres próprios. Isso significa que elas não são vistas apenas como aprendizes, mas como portadoras de conhecimentos que contribuem para a dinâmica do grupo religioso. Seus saberes são considerados valiosos e importantes para a comunidade como um todo.

A ideia de fortalecimento da tríade passado, presente e futuro no espaço-tempo cosmogônico destaca a importância da continuidade das tradições religiosas. As crianças são vistas como agentes que contribuem para a preservação dos saberes ancestrais, ao mesmo tempo em que trazem novas perspectivas e possibilidades para o futuro da religião.

Assim, Silva e Santana (2021) apontam que as crianças ligadas ao cotidiano dos terreiros possuem o próprio fluxo na produção dos etnosaberes, ou seja, como eles são criados, construídos e reconstruídos a partir da sua percepção ligada à dinâmica do viver, saber-fazer de cada um a partir do seu lugar de cultura.

Diante dessa concepção proposta pelas autoras, a configuração do papel da criança é de agente ativo na produção e preservação dos etnosaberes, os conhecimentos culturais transmitidos ao longo das gerações. Deve-se perceber o papel da criança pelas lentes de atores sociais, ou seja, lhes atribuir a percepção de produtores de cultura e não somente como receptores ou observadores. Os terreiros de umbanda e toda a sua forma organizacional permitem que a criança também seja ativa e um produtora cultural, pois como já foi abordado nessa pesquisa, a relação de ensinar e aprender não é medida pelo fator idade, e sim pelo tempo de iniciação.

As crianças são descritas como "seres moventes", o que sugere sua natureza dinâmica e ativa na construção do conhecimento. Elas possuem um "fluxo criador próprio", o que significa que estão constantemente envolvidas na criação e recriação dos saberes dentro de seus contextos culturais. Esse fluxo específico das crianças é percebido a partir da sua particularidade, ou seja, diante da visão e interpretação de mundo.

Os etnosaberes são vistos como algo que está em constante transformação, sendo construídos e reconstruídos na "dinâmica do viver" das crianças. Essa dinâmica do modo de viver é relacionada em como ela interage com o mundo, ou seja, na sua relação com seus pares e com os adultos. A cultura de pares, definida de acordo com

Corsaro (2011), “[...] como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais”. Isso ressalta que o conhecimento não é estático, mas sim moldado pelas experiências vividas por elas em seus territórios e culturas.

Além disso, o texto destaca que o saber é uma "epistemologia do sujeito que o produz", ou seja, o conhecimento não é apenas transmitido, mas é construído pelos próprios sujeitos, neste caso, pelas crianças, por meio de suas vivências, práticas e interações culturais. É ressaltado também o "reconhecimento do sagrado nos sujeitos, rituais e formas simbólicas". Isso enfatiza a compreensão da diversidade e complexidade do sagrado presente nos indivíduos, nos rituais e nas formas simbólicas dos terreiros, que são transmitidos e preservados ao longo do tempo.

Portanto, o trecho evidencia que as crianças não são apenas receptoras passivas de conhecimento, mas sim participantes ativas e produtoras de cultura na preservação e renovação dos saberes ancestrais dentro dos terreiros de candomblé e umbanda, contribuindo assim para a continuidade e vitalidade dessas tradições religiosas.

Silva e Santana (2021) aponta que a construção dos etnosaberes pelas crianças ocorre de forma gradativa e são tecidos nas narrativas orais e é marcado pela circularidade, ou seja, aqueles que construíram os saberes repassam e ensinam esses etnosaberes para o mais novo (Silva e Santana 2021).

A tradição oral desempenha um papel crucial na transmissão de etnosaberes. Nas comunidades de terreiro, as histórias, mitos, canções e rituais são transmitidos de geração em geração através da oralidade. Este processo não apenas preserva o conhecimento, mas também o adapta às mudanças sociais e culturais ao longo do tempo.

Assim, as produções culturais apresentadas a partir narrativas orais pelas crianças através dos etnosaberes nos mostram uma que elas deixam de estar no papel de coadjuvante e passa a ser sujeitos ativos, protagonistas da história que contam, recontam e reatualizam de acordo com sua percepção e do que é vivido. Essas tradições orais são linguagens culturais e pensar nas crianças como produtoras culturais implica dizer que elas trazem consigo a experiência do cotidiano, as relações desenhadas no cenário social em que inserem as culturas, diferenças, alteridades e formas simbólicas partilhadas no ser e estar no mundo (Silva e Santa 2021).

O trecho destaca uma mudança significativa no papel das crianças, que passam de coadjuvantes a sujeitos ativos e protagonistas na transmissão e recriação das produções culturais, especialmente por meio das narrativas orais e dos etnosaberes. Isso significa que as crianças não apenas absorvem conhecimento passivamente, mas também reinterpretam e compartilham de acordo com sua própria compreensão e experiência de vida.

É enfatizado que as crianças deixam de ocupar um papel passivo na história cultural, passando a contar, recontar e reatualizar as tradições culturais. Elas são reconhecidas como produtoras culturais, trazendo consigo as experiências do cotidiano, as relações sociais e as formas simbólicas compartilhadas em suas comunidades.

Além disso, as crianças inserem nas narrativas orais às culturas, diferenças e alteridades, refletindo a diversidade e a riqueza cultural presente em suas experiências e interações. Isso evidencia que elas não são apenas receptores, mas também agentes ativos na construção e manutenção da cultura. Dessa forma, o texto destaca como as crianças desempenham um papel fundamental na preservação das tradições culturais, tornando-se protagonistas na transmissão dos etnosaberes e na continuidade das narrativas culturais.

Concluindo, a análise do texto base produzido por Hellen Mabel Santana Silva e Marise de Santana, em combinação com as conceituações de Raphael Fernando Diniz e William Corsaro, revela a importância fundamental das crianças na produção e preservação dos etnosaberes nos terreiros de umbanda. As crianças, longe de serem meras espectadoras, são reconhecidas como agentes ativos e produtores culturais, detentoras de conhecimentos próprios, adquiridos e desenvolvidos através de vivências, interações e práticas cotidianas nos terreiros.

Elas desempenham papéis cruciais na transmissão de saberes e fazeres tradicionais, reforçando a continuidade das tradições religiosas e culturais. Sua presença dinâmica e criativa contribui para a renovação constante dos etnosaberes, evidenciando que o conhecimento é um processo vivo, moldado pelas experiências e interações de cada indivíduo no contexto de sua cultura e comunidade.

Ao longo da análise, ficou claro que as crianças não são apenas receptoras passivas de conhecimento, mas sim agentes ativos e protagonistas na construção e transmissão desses saberes. Elas participam ativamente do cotidiano dos terreiros,

absorvendo, reinterpretando e compartilhando os etnosaberes por meio das narrativas orais e das práticas culturais.

Através da circularidade do conhecimento, as crianças recebem dos mais velhos os saberes acumulados ao longo do tempo e, por sua vez, contribuem para sua recriação e reatualização. Essa participação ativa fortalece os laços comunitários e mantém viva a tradição, adaptando-a às mudanças sociais e culturais.

Portanto, podemos concluir que as crianças desempenham um papel fundamental na construção e transmissão dos etnosaberes, sendo reconhecidas como produtoras culturais e protagonistas na preservação das narrativas culturais. Ao reconhecer-las como agentes ativos e produtoras culturais, reafirmamos a importância de valorizar e incluir suas vozes e experiências na construção e transmissão dos etnosaberes, garantindo assim a perpetuação dessas ricas manifestações culturais. Sua participação ativa fortalece os laços comunitários, mantendo vivas as tradições ancestrais e adaptando-as às mudanças sociais e culturais ao longo do tempo.

5.3 Narrativas que Constroem Identidades: O Papel da Oralidade na Identidade Cultural Infantil dos Terreiros de Umbanda

A análise dessa seção vai partir de dois textos e com o propósito de responder ao último questionamento desta pesquisa que é: Qual é o papel da oralidade na construção da identidade cultural infantil e como atuam na sua construção?

O primeiro aporte bibliográfico foi o artigo produzido pelo antropólogo Ahyas Siss e as educadoras Maiza da Silva Francisco e Mônica da Silva Francisco “*A criança, terreiro, produção e saberes: apontamentos*”. O artigo é resultado de uma pesquisa em um terreiro de umbanda e propôs abordar as práticas educativas infantis, bem como as narrativas orais contribuem para a formação da identidade das crianças.

O segundo artigo utilizado foi idealizado e produzido pela educadora Milena Xibile Batista e intitulado de “*Candomblé: memória e transmissão cultural em uma comunidade religiosa de matriz africana*”. O trabalho retrata como as tradições orais são um elemento crucial para a construção de identidades nas comunidades de terreiro. É nesse aspecto que será utilizado essa obra, buscando compreender o papel dessas tradições no forjamento da identidade cultural da criança.

Entende-se por identidade cultural, segundo Hall (2006), a identidade é um conceito dinâmico e fluido que se desenvolve em meio às interações complexas entre

indivíduos e suas condições sociais e culturais. Ela não é algo fixo, mas sim uma construção moldada pelo contexto social em que o indivíduo está inserido. É importante considerar as narrativas culturais e os discursos dominantes na formação da identidade individual e coletiva.

A identidade cultural nos terreiros de Umbanda é profundamente influenciada pelas tradições orais que são transmitidas de geração em geração. As tradições orais desempenham um papel central na construção e preservação da identidade cultural umbandista. Por meio de histórias, mitos, cantos sagrados e ensinamentos transmitidos verbalmente, as crianças são imersas em um rico universo de conhecimento espiritual e cultural desde tenra idade.

Essas narrativas orais não apenas transmitem os ensinamentos religiosos, mas também carregam consigo os valores, as normas sociais e as experiências vividas pela comunidade ao longo do tempo. Ao participar ativamente dessas tradições orais, as crianças desenvolvem uma forte ligação com sua cultura, compreendendo sua identidade não apenas como indivíduos, mas como parte de uma comunidade e de uma tradição ancestral. Dessa forma, as tradições orais desempenham um papel vital na construção e perpetuação da identidade cultural nos terreiros de Umbanda, enraizando as crianças em suas raízes culturais e espirituais.

É nesse contexto que as crianças são introduzidas desde cedo aos ensinamentos, valores e práticas da Umbanda, desenvolvendo uma identidade cultural que valoriza a diversidade, a espiritualidade e a união comunitária. Nos terreiros de Umbanda, a identidade cultural não é apenas uma questão de crença religiosa, mas também um reflexo da rica tapeçaria cultural do Brasil, onde tradições ancestrais e influências contemporâneas se entrelaçam para formar uma identidade única e vibrante.

Partindo disso, Batista (2011) afirma que as tradições orais nas comunidades de terreiro são um dos elementos importantes para a construção da identidade cultural dos sujeitos na comunidade de um terreiro. Como explicado anteriormente o aprendizado através dessas tradições é ordenado a partir da posição hierárquica que o sujeito está. Aqueles com maior tempo de iniciação são os detentores de saberes e responsáveis por repassar os ensinamentos ancestrais.

Nesse sentido entende-se que a tradição oral nas comunidades de terreiro de umbanda é um dos elementos demarcadores da construção da identidade cultural. Ela

desempenha um papel fundamental na formação da identidade cultural infantil de várias maneiras. Primeiramente, através da transmissão de conhecimento, saberes e segredos, as crianças aprendem sobre a história, os rituais e os valores de sua comunidade desde cedo.

Essa transmissão hierárquica, feita pelos mais sábios e antigos, organiza a aprendizagem e prepara as crianças para papéis futuros na comunidade. Além disso, a tradição oral integra as crianças na comunidade, proporcionando-lhes um senso de pertencimento e identidade cultural. Ao ouvir e internalizar as narrativas orais, elas desenvolvem uma compreensão mais profunda de sua religião e cultura, fortalecendo sua identidade religiosa e cultural. Assim, a tradição oral nas comunidades de terreiro desempenha um papel crucial na transmissão de valores, na integração social e na preparação das crianças para seu papel na comunidade, contribuindo significativamente para a construção de sua identidade cultural.

Segundo Siss, Francisco e Francisco (2020) em seu artigo ela aponta que os ensinamentos produzidos através das tradições orais contribuem para a construção da identidade cultural da criança através da vivência cotidiana que a mesma possui no terreiro. É uma identidade forjada a partir das narrativas ancestrais que possibilitam uma formação mais humanizada para as crianças.

Essa construção de saberes por meio das tradições orais são os instrumentos que se agregaram para essa construção. A produção de conhecimento acerca dos valores culturais transmitidos para as futuras gerações, através da oralidade presente nos terreiros, desempenha um papel fundamental na construção da identidade cultural infantil. A oralidade, seja nos relatos das memórias dos integrantes das comunidades de terreiro ou nas narrativas míticas expressas nos cantos ritualísticos, é um veículo essencial para transmitir os valores culturais da comunidade.

As crianças absorvem essas narrativas, aprendendo sobre suas origens, crenças e tradições desde cedo, o que fortalece sua conexão com a identidade cultural. Ao participar das práticas religiosas e ouvir as narrativas orais, elas internalizam os valores culturais de sua comunidade, formando uma base sólida para sua identidade cultural.

Além disso, essa vivência religiosa proporcionada pela oralidade colabora para que as crianças se identifiquem com sua cultura e tradição desde cedo, reconhecendo-se

como parte de uma comunidade cultural específica. Assim, a oralidade nos terreiros de Umbanda contribui significativamente para a construção da identidade cultural infantil, transmitindo valores, fortalecendo a conexão com a cultura e promovendo a identificação com a comunidade religiosa.

A partir da análise dos autores Ahyas Siss, Maiza da Silva Francisco, Mônica da Silva Francisco (2020) e Milena Xibile Batista (2011), assim como dos questionamentos sobre o papel da oralidade na construção da identidade cultural infantil e como ela atua nesse processo, podemos concluir que as tradições orais desempenham um papel fundamental na formação da identidade das crianças nas comunidades de terreiro, especialmente na Umbanda e no Candomblé.

Os estudos evidenciam que as narrativas orais, transmitidas de geração em geração, são essenciais para a transmissão de conhecimentos, valores culturais e espirituais. Através dessas narrativas, as crianças não apenas aprendem sobre sua religião e cultura, mas também internalizam os valores, normas sociais e experiências vividas pela comunidade ao longo do tempo.

A pesquisa de Siss, Francisco e Francisco (2020) destaca que as tradições orais contribuem significativamente para a construção da identidade cultural da criança, proporcionando uma vivência cotidiana que possibilita uma formação mais humanizada. Essa identidade é forjada a partir das narrativas ancestrais que enraízam as crianças em suas raízes culturais e espirituais. Assim proporcionando uma formação mais humanizada para as crianças.

Por sua vez, Batista (2011) ressalta que as tradições orais são elementos importantes para a construção da identidade cultural nas comunidades de terreiro, ordenando o aprendizado hierarquicamente e preparando as crianças para seus papéis futuros na comunidade.

Dessa forma, podemos afirmar que a oralidade nos terreiros de Umbanda desempenha um papel crucial na transmissão de valores, na integração social e na formação da identidade cultural infantil. Ela fortalece a conexão das crianças com sua cultura, promovendo um sentido de pertencimento e identidade cultural desde cedo. Assim, compreender o papel das tradições orais é essencial para entender como as crianças constroem sua identidade cultural nessas comunidades religiosas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise detalhada dos dados coletados nos permitiu compreender profundamente como ocorrem as tradições orais nos terreiros de umbanda, e qual a importância da oralidade na formação da identidade cultural infantil nas comunidades de terreiro, especialmente na Umbanda, bem como o protagonismo das crianças nesse contexto.

Ao longo da pesquisa, foi evidente que as tradições orais desempenham um papel fundamental na transmissão de conhecimentos, valores e experiências que moldam a identidade cultural das crianças desde cedo. Através das narrativas orais, como histórias, mitos, cantos sagrados e ensinamentos transmitidos verbalmente, as crianças são imersas em um rico universo de conhecimento espiritual e cultural. Isso não apenas as conecta com suas raízes culturais, mas também promove um forte senso de pertencimento à comunidade religiosa.

Além disso, ficou claro que as crianças não são apenas receptoras passivas, mas sim agentes ativos e protagonistas na construção e transmissão desses saberes. Seu envolvimento ativo fortalece os laços comunitários, promove uma compreensão mais profunda da cultura e da religião, e contribui para a renovação constante das tradições.

O protagonismo das crianças foi um aspecto marcante em nossa análise. Elas não são apenas observadoras, mas participantes ativas e produtoras de cultura. Desde cedo, são introduzidas aos ensinamentos, valores e práticas das tradições religiosas, desenvolvendo uma identidade cultural que valoriza a diversidade, a espiritualidade e a união comunitária.

Outro ponto relevante é a adaptação das tradições orais às mudanças sociais e culturais. As crianças, ao trazerem novas perspectivas e vivências, enriquecem as tradições e garantem sua relevância no contexto contemporâneo. Essa dinâmica demonstra como as tradições orais são vivas e se renovam constantemente, mantendo-se pertinentes ao longo do tempo.

É importante ressaltar que esses ensinamentos têm o potencial de contribuir para uma formação mais humanizada das crianças. Ao serem introduzidas desde cedo aos valores de respeito à diversidade, cuidado com o próximo e conexão espiritual, as crianças desenvolvem uma compreensão mais empática e compassiva do mundo ao seu redor. Isso contribui para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e solidária.

Portanto, os ensinamentos transmitidos nos terreiros de Umbanda e Candomblé não só são válidos, mas também são essenciais no processo educativo e na formação humanizada das crianças. Eles fornecem não apenas conhecimento, mas também sabedoria, valores e experiências que moldam não apenas suas mentes, mas também seus corações. Integrar esses ensinamentos ao processo educativo mais amplo pode enriquecer ainda mais a formação das crianças, preparando-as para serem cidadãos conscientes, tolerantes e comprometidos com o bem-estar coletivo.

Portanto, podemos concluir que as tradições orais e o protagonismo das crianças são elementos essenciais para a preservação e a vitalidade das comunidades de terreiro. Compreender e valorizar esses aspectos é fundamental para garantir a continuidade dessas ricas manifestações culturais, enraizadas na história e nas vivências das crianças e de suas comunidades.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família** . 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura** . LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BARROS, Daniela; PEQUENO, Saulo; PEDERIVA, Patrícia L. M. (2018). **Educação pela tradição oral de matriz Africana no Brasil**: Ancestralidade, resistência e constituição humana. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 26(91). Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3518>

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil** . Tradução de Maria Eloísa Capellato e Olívia Krähenbühl. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1985.

BERGO, R. "Eu sou Muzenza": o terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática . Paideia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 7 n. 8 p. 81-101 jan./jun. 2010.

CAPUTO, S. C. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé** . Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança** . 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância** . Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRUZ, Silvia H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas** . São Paulo: Cortez, 2008.

CRUSOÉ, N. M.C; MOREIRA, N. R.; DANTAS PINA, M. C. **Definições da prática educativa em diferentes perspectivas socioeducacionais**. Linguagens, Educação e Sociedade, [S. l.], n. 31, p. 46-63, 2014. Disponível em:
<https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1301>.

DIAS, E.; PINTO, F. C. F. **Educação e sociedade. Ensaio : Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro , v. 27, n. 104, p. 449-454, set. 2019.
<https://doi.org/10.1590/s0104-40362019002701041>

DIANA, Daniela. **Identidade cultural** . Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/identidade-cultural> . Acesso em 22 set. 2023.

FERNANDES, J. G. S. Interculturalidade e Etnossaberes. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 10 , n. 2, p. 39-65, jul./dez., 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa** . São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade** (11ª Edição). São Paulo, 2006.

COSTA, Hulda Silva Cedro da. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira** . (2013), Goiânia: Tese de Doutorado em Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** . 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização** . São Paulo: Cortez, 2001.

NOGUEIRA, Léo Carrer. **Exu no “novo mundo”:** o processo de hibridação cultural da umbanda na diáspora africana. Élisée - Revista De Geografia Da UEG, 3(1), 116-134, 2014.

OLIVEIRA, A. G. **A educação nos terreiros de Caruaru/PE :** um encontro com a tradição africana através dos orixás. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11280> > Acesso em 10 abr. de 2023.

PEQUENO, Saulo; BARROS, Daniela; PEDERIVA, Patrícia L. M . **Expressões culturais tradicionais e a noção de autoria: outros modos de vida e criação** . XV Encontro de estudos multidisciplinares em cultural. Salvador, Bahia, 2019.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afro ancestral e tradição oral: contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03.** Fortaleza: EdUECE, 2015.

PINHEIRO, L. B. M. (2018). **Tradição oral e memória dos povos de religiões afro-brasileiras: possibilidades de pesquisa em história** . Cadernos Do Tempo Presente, 8(04) , 79–92. <https://doi.org/10.33662/ctp.v8i04.9892>

PIMENTA, Renata; PASSOS, Joana; SILVA, Carlos. A Pedagogia da Ancestralidade no ensino de linguagem a partir da Educação das Relações Étnico-Raciais. **Revista Aceno**, v. 9, n.21, 2022.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, 2006.

RODRIGUES, Raimundo. **Africanos no Brasil**. 7. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

ROHDE, B. **Umbanda, uma Religião que não Nasceu**: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. Março, 2009.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. 231 f. (Tese), Doutorado em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2017.

SANTIAGO, E.; SILVA, C.; SILVA, D. (org.). **Educação, escolarização e identidade Negra: dez anos de pesquisa sobre relações raciais no PPGE/UFPE**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013. Disponível em:
<https://editora.ufpe.br/books/catalog/dowload/313/294/893?inline=1> . Acesso em: 26 set. 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Crianças: educação, culturas e cidadania ativa**. Perspectiva, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 17–40, 2005. DOI: 10.5007/0036-274X.2005v23n1p17. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9857>.

SILVA, Daniela P. **Educação, resistência e tradição oral**: a transmissão de saberes pela oralidade de matriz africana nas culturas populares, povos e comunidades tradicionais. Tese (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

SIMAS, L. A. **Umbandas: Uma História do Brasil**. 1º ed, Civilização Brasileira, 2021.

